

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

Laura da Conceição Oliveira

Quem fala de noiz é noiz: Vivências do Slam na escola.

Juiz de Fora
2023

Laura da Conceição Oliveira

Quem fala de noiz é noiz: Vivências do Slam na escola.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre/a em Educação. Área de concentração: Educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas.

Orientador: Dr/a. Sônia Maria Clareto

Coorientador: Dr/a. Tarcísio Moreira Mendes

Juiz de Fora

2023

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

da Conceição Oliveira , Laura .

Quem fala de noiz é noiz : Vivências do Slam na escola. / Laura da Conceição Oliveira . -- 2023.

99 f.

Orientadora: Sônia Maria Clareto

Coorientadora: Tarcísio Tarcísio Moreira Mendes

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2023.

1. Educação . 2. Poesia . 3. Slam. 4. Escola. I. Clareto , Sônia Maria, orient. II. Tarcísio Moreira Mendes, Tarcísio , coorient. III. Título.

Laura da Conceição Oliveira

QUEM FALA DE NOIZ É NOIZ: VIVÊNCIAS DO SLAM NA ESCOLA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Educação. Área de concentração: Educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas.

Aprovada em 19 de outubro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Sônia Maria Clareto - Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr. Tarcísio Moreira Mendes - Coorientador
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Dr. Anderson Ferrari
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dra. Margareth Aparecida Sacramento Rotondo
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dra. Kelly da Silva
Universidade do Estado de Minas Gerais

Juiz de Fora, 22/09/2023.



Documento assinado eletronicamente por **Kelly da Silva, Usuário Externo**, em 27/10/2023, às 10:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Anderson Ferrari, Professor(a)**, em 01/11/2023, às 13:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Margareth Aparecida Sacramento Rotondo, Coordenador(a)**, em 01/11/2023, às 18:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sonia Maria Clareto, Professor(a)**, em 01/11/2023, às 19:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Tarcisio Moreira Mendes, Usuário Externo**, em 06/11/2023, às 10:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **1487980** e o código CRC **F0D2BC5B**.

Dedico este trabalho aos meus pais e avós que me inspiram e apoiam a à juventude que é capaz de construir um Brasil mais nosso.

AGRADECIMENTOS

A Deus que certamente é uma mulher preta. Ao meu pai que é meu parceiro incondicional de vida. À minha mãe que trago no peito e em cada palavra. Aos meus avós por cada conversa e ensinamento. A toda minha família por acreditar em mim e na educação como forma de arte. Aos meus amigos que não soltam minha mão. Ao movimento HIP – HOP, o Slam e todas as pessoas neles envolvidas por salvarem minha vida. Ao Sarau Cooperifa e ao Coletivoz em Nome de Sergio Vaz e Rogério Coelho por ser referência. A Universidade Federal de Juiz de Fora por seu ensino público e de qualidade. Aos professores que acreditam no Projeto “Poesia na Escola”. A Chris Assis (Tia) pelo incentivo na realização desse projeto, por ser exemplo de resistência e arte. A Kelly Silva por me ensinar a conquistar espaços que até então nos eram negados. Ao Anderson Ferrari por me reaproximar da Universidade e de mim mesma. Ao Tarcísio pela parceria e escuta. A Maria Helena por ter me apresentado carinhosamente essa travessia. Ao grupo Travessia em nome de Sônia e Margareth pela acolhida, leveza e amor. Aos meus amigos do HIP-HOP que são verdadeiramente uma família. Aos amigos poetas que continuam a semear as sementes. Ao PretoVivo e sua família por cada cafezinho e cada aprendizado. Ao Claudio e ao Brenalta por me acolher e me receber em seus territórios. À Debora Renault e Ícaro por estarem aqui desde o início. A Maria Eduarda pela parceria. A Margareth Guiga pelos conselhos e direcionamentos. Ao Sararau Crioulos em nome do Igor Braz por toda potência. Ao coletivo Vozes da Rua em nome de Dona Adenilde Petrina por abrir os caminhos. Aos alunos e alunas que passaram e passam pelo projeto Poesia na Escola. Aos alunos e alunas do Mutirão da Meninada do Vale Verde. A todos os professores e professoras que passaram por minha trajetória até aqui. A todos que se sentem contemplados e representados por essa escrita.

Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos. Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os da classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 1997, p. 33).

RESUMO

Essa pesquisa se faz a partir de vivências da poesia falada (Slam) na escola. O Poetry Slam ou simplesmente Slam é uma manifestação cultural que gira em torno da expressão poética oral e corporal. Nessa dissertação, o pesquisador se dá junto a vivências poéticas em escolas da cidade de Juiz de Fora e região, especialmente escolas públicas. O que pode o Slam na escola? Afetada por essa pergunta, são trazidas cenas das escolas, conversas com alunos, professores e arte educadores envolvidos no projeto “Poesia na Escola”. Pensando em maneiras diversas de acessar essa dinâmica em Juiz de Fora e região, essa dissertação está composta por esta escrita, um documentário em vídeo e um podcast piloto. (Disponíveis em: <https://drive.google.com/drive/folders/1o-ZbOrTKxoTgZpb8r8d1-iSddneJXlg0>)

Palavras-Chave: Slam. Escola. Educação. Poesia.

ABSTRACT

This research is based on experiences of spoken poetry (Slam) at school. Poetry Slam or simply Slam is a cultural manifestation that revolves around oral and bodily poetic expression. In this dissertation, the research takes place alongside poetic experiences in schools in the city of Juiz de Fora and the region, especially public schools. What can the Slam do at school? Affected by this question, scenes from schools, conversations with students, teachers and art educators involved in the “Poetry at School” project are brought. Thinking about different ways of accessing this dynamic in Juiz de Fora and the region, this dissertation is composed of this writing, a video documentary and a pilot podcast. (Available at: <https://drive.google.com/drive/folders/1o-ZbOrTKxoTgZpb8r8d1-iSddneJXlg0>)

Keywords: Slam, School, Education, Poetry.

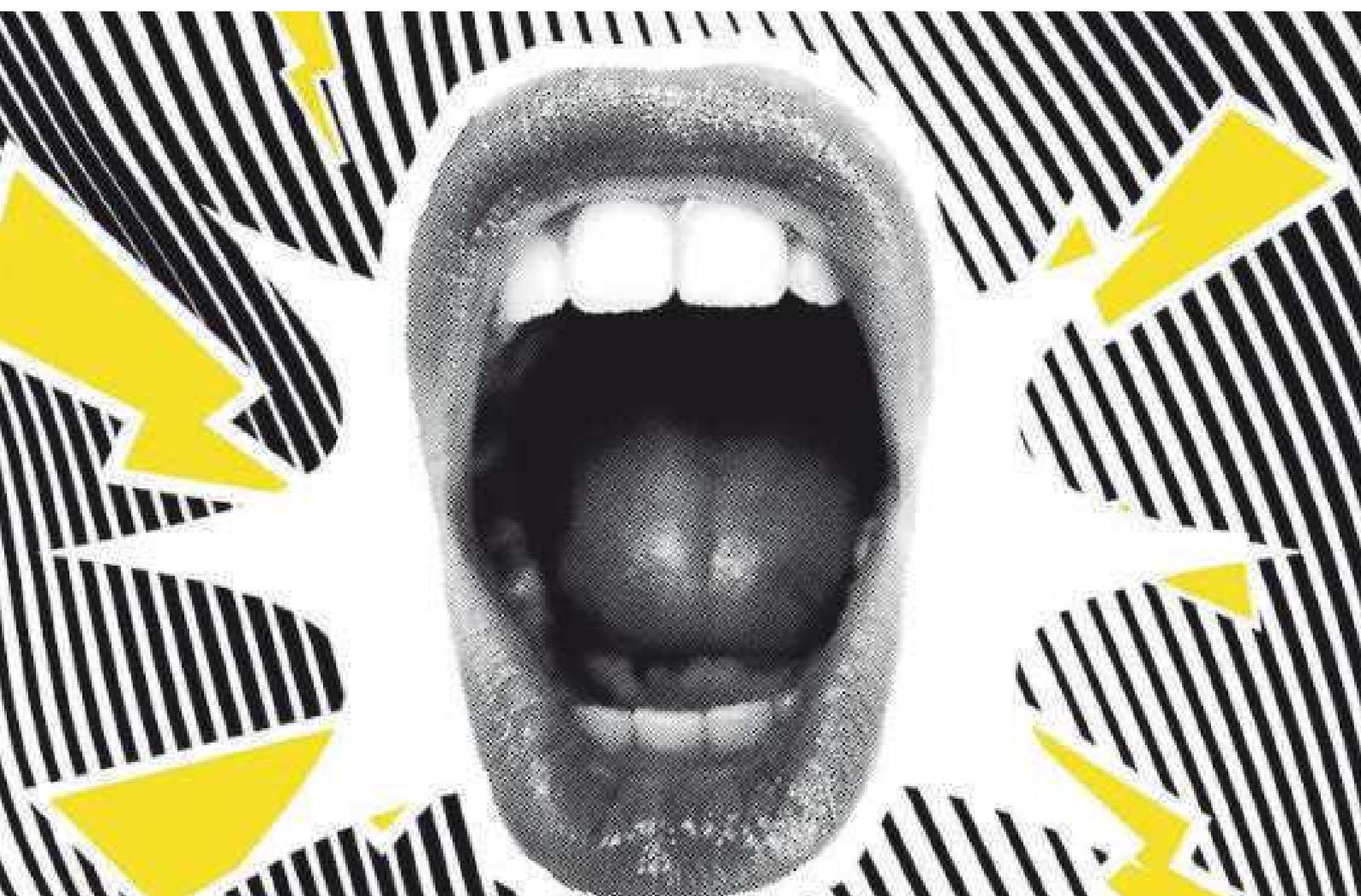
LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - O que amplifica a voz do aluno	11
Figura 2 - Funk	14
Figura 3 - Divulgação Slam Br	17
Figura 4 - Hip Hop é Foda	19
Figura 5 - Resistência.....	29
Figura 6 - Pente garfo auto estima.....	30
Figura 7 – PretoVivo anotando sugestões.....	46
Figura 8 – Finalizando o primeiro verso.....	47
Figura 9 – Poesia alunos 1.....	53
Figura 10 – Poesia alunos 2.....	53
Figura 11- Poesia alunos 3.....	54
Figura 12 – Poesia alunos 4.....	55
Figura 13 – Feedback alunos	58
Figura 14 – Foto redes Sérgio vaz.....	59
Figura 15 – Poesia na escola estadual.....	62
Figura 16 – Logo PretoVivo.....	67
Figura 17 – Atividade poética nono ano.....	68
Figura 18 – Alunos lendo poesias.....	69
Figura 19 – Poetas formadores.....	71
Figura 20 – Laura Conceição na escola.....	81
Figura 21 – Icaro Renault na escola.....	81
Figura 22 – Esther tá no telhado.....	82

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

MC	Mestre de cerimônia
RAP	Ritmo e Poesia
TV	Televisão
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
ZAP	Zona autônoma da Palavra

**QUEM FALA DE NOIZ É NOIZ:
VIVÊNCIAS DO SLAM NA ESCOLA**



**POESIA
PODE
OQUE?**

Laura da Conceição Oliveira

AGRADECIMENTOS

A Deus que certamente é uma mulher preta. Ao meu pai que é meu parceiro incondicional de vida. À minha mãe que trago no peito e em cada palavra. Aos meus avós por cada conversa e ensinamento. A toda minha família por acreditar em mim e na educação como forma de arte. Aos meus amigos que não soltam minha mão. Ao movimento HIP – HOP, o Slam e todas as pessoas neles envolvidas por salvarem minha vida. Ao Sarau Cooperifa e ao Coletivoz em Nome de Sergio Vaz e Rogério Coelho por ser referência. A Universidade Federal de Juiz de Fora por seu ensino público e de qualidade. Aos professores que acreditam no Projeto “Poesia na Escola”. A Chris Assis (Tia) pelo incentivo na realização desse projeto, por ser exemplo de resistência e arte. A Kelly Silva por me ensinar a conquistar espaços que até então nos eram negados. Ao Anderson Ferrari por me reaproximar da Universidade e de mim mesma. Ao Tarcisio pela parceria e escuta. A Maria Helena por ter me apresentado carinhosamente essa travessia. Ao grupo Travessia em nome de Sonia e Margareth pela acolhida, leveza e amor. Aos meus amigos do HIP-HOP que são verdadeiramente uma família. Aos amigos poetas que continuam a semear as sementes. Ao PretoVivo e sua família por cada cafezinho e cada aprendizado. Ao Claudio e ao Brenalta por me acolher e me receber em seus territórios. À Debora Renault e Ícaro por estarem aqui desde o início. A Maria Eduarda pela parceria. A Margareth Guiga pelos conselhos e direcionamentos. Ao Sararau Crioulos em nome do Igor Braz por toda potência. Ao coletivo Vozes da Rua em nome de Dona Adenilde Petrina por abrir os caminhos. Aos alunos e alunas que passaram e passam pelo projeto Poesia na Escola. Aos alunos e alunas do Mutirão da Meninada do Vale Verde. A todos os professores e professoras que passaram por minha trajetória até aqui. A todos que se sentem contemplados e representados por essa escrita.

RESUMO

Essa pesquisa se faz a partir de vivências da poesia falada (Slam) na escola. O Poetry Slam ou simplesmente Slam é uma manifestação cultural que gira em torno da expressão poética oral e corporal. Nessa dissertação, o pesquisador se dá junto a vivências poéticas em escolas da cidade de Juiz de Fora e região, especialmente escolas públicas. O que pode o Slam na escola? Afetada por essa pergunta, são trazidas cenas das escolas, conversas com alunos, professores e arte educadores envolvidos no projeto “Poesia na Escola”. Pensando em maneiras diversas de acessar essa dinâmica em Juiz de Fora e região, essa dissertação está composta por esta escrita, um documentário em vídeo e um podcast piloto. (Disponíveis em: <https://drive.google.com/drive/folders/1o-ZbOrTKxoTgZpb8r8d1-iSddneJXlg0>)

Palavras-Chave: Slam, Escola, Educação, Poesia.

ABSTRACT

This research is based on experiences of spoken poetry (Slam) at school. Poetry Slam or simply Slam is a cultural manifestation that revolves around oral and bodily poetic expression. In this dissertation, the research takes place alongside poetic experiences in schools in the city of Juiz de Fora and the region, especially public schools. What can the Slam do at school? Affected by this question, scenes from schools, conversations with students, teachers and art educators involved in the “Poetry at School” project are brought. Thinking about different ways of accessing this dynamic in Juiz de Fora and the region, this dissertation is composed of this writing, a video documentary and a pilot podcast. (Available at: <https://drive.google.com/drive/folders/1o-ZbOrTKxoTgZpb8r8d1-iSddneJXlg0>)

Keywords: Slam, School, Education, Poetry.

RAP É POEMA TAMBÉM

As minas vão tomar de assalto

Não subo no salto alto

Canto o meu o partido alto

Faço como me convém,

Minha vida levo à muque,

Do batente pro batuque

Repente é poema também!

Engraçadinho veio

falar da minha saia,

Do meu tomara que caia

Eu achei foi muito paia

Machistas não passarão.

Não sou da sua laia

Meu escritório não é na praia

Eu sou Laura Conceição!

Represento Minas Gerais

Poemas são armas não letais

Hoje ninguém me cala mais

Malandragem,

Rap é pandeiro, é piano

Eu não vim pra passar pano

Se for pra tombar eu tombo

Ando pra frente e não pra trás

Eu me manifesto,
Da norma sou inverso
Meu protesto é fazer verso
Repente é poema também!

Moro no sudeste
Mas respeito o nordeste
E as mulheres que lá tem,
Que também são abusadas,
Exploradas, mal tratadas
Iludidas, escravizadas,
Cordel é poema também!

Duvidaram de mim
Pondo o dedo na minha cara
Então eu fiz essa embolada

Minha rima é rima rara
Eu não sou uma qualquer
Defendo o feminismo,
Luto contra o fascismo
Então Reflita sobre isso
Ao desafiar mulher

Sangue de Frida Kahlo
E por isso não me calo
Então não pisa no meu calo
Pois eu não vou me calar

Descendo de guerreira,
Minha vó cortava lenha
Se vier de “lenga lenga”
Uso a Maria da Penha
E vou te denunciar

Minha cabeça não abaixo
Sou dona do meu trabalho
Não vou com policial
Não uso leque,
Eles usam cassetete
Pra dar dura nos Muleke
Tratando como animal

Vivo de desafeto
Não posso abortar o feto
Te afeta meu afeto?
Homofóbico passa mal
Tempo é contado
Se eu for contar o errado

Que acontece aqui do lado

Isso jamais terá final

Revirando minha memória

Um viva à nossa trajetória

E tudo que aconteceu

Falo de nossa glória

Não só pra contar vitória

Esse é o outro lado da história

Esse espaço também é meu

Preconceito é uma praga

Quem se lembra de Rafael Braga?

O povo ninguém apaga

Ninguém anda muito bem,

Então é punição

Para o aliciador,

Pro boy estuprador,

Pro patrão abusador

Repente é poema também!

Esse é meu esquema,

Isso pra mim não é problema,

Meu negócio é poema

E rap é poema também!

Me diz o que é que tem?

O que é que tem ?

Disseram que eu só canto Rap

Rap é poema também!

Disseram que eu estudo Rap

Rap é poema também!

Cordel é poema também!

Repente é poema também!

Carlos Drummond de Andrade é poema também!

Mas RAP Tio

É poema também!

(Rap é Poema Também, Laura Conceição, 2017)

QUEM É QUE CONTA A NOSSA HISTÓRIA?



A Universidade deveria se abrir mais para as periferias da cidade, uma vez que o povo sempre olhou com desconfiança a universidade, que sempre esteve distante da gente. A gente deveria se juntar para trocar conhecimento, trocar saberes, experiências, criar um mundo novo, puxar a juventude para a universidade, para que eles assumam fazer curso, se formar, eles ainda tem um pouco de receio. E também o que eu acho muito importante é que a universidade respeite, através desses projetos, o protagonismo dos jovens, que a gente caminhe junto como companheiros, trabalhando pelo mesmo objetivo, mesmo ideal, mas de igual para igual. (Adenilde Petrina, 2017)

Sexta-feira, final da tarde e o telefone toca de novo. Mais uma estudante do curso de doutoramento da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) entra em contato, dessa vez para entender mais um pouco sobre o “*Movimento Slam*”. Já era a segunda pessoa na semana a me procurar em busca de informações para pesquisa. O diálogo se inicia:

- Então, eu queria saber se a gente poderia marcar uma conversa, algo bem informal mesmo, pra gente se conhecer, eu saber da sua trajetória, o que é o *slam* pra você, etc. Estou buscando entender o movimento e conhecer melhor os poetas que fazem parte. Por causa da pandemia, eu ainda não tive a oportunidade de ir a um *slam* pessoalmente, mas estou desenvolvendo uma pesquisa sobre o tema e sua relação com as questões de gênero e a educação. Você topa? Eu poderia na semana que vem em vários horários.

- Olá querida, podemos marcar sim! Pra mim fica melhor na segunda-feira.

- Marcado!

Mal sabia eu que esse encontro virtual mudaria minha vida e me conduziria a estar aqui, hoje, ocupando esse espaço. Vocês vão entender história.

LUGAR DE FALA

Só pode falar de vida quem vive. Só pode falar de sofrimento quem sofre. Só pode falar de amor quem ama. Só pode falar de Flow quem desenvolve. (CRIOLO, BREÁCO).



Começo esse texto em primeira pessoa, será sempre assim por aqui. Antes de tudo, gostaria de contar um pouco da minha trajetória artística e poética e contextualizar minha pesquisa. Quem escreve é Laura, a pesquisadora, mas também Laura, a poeta; atuante, ativamente em um dos maiores movimentos culturais periféricos e potentes da nossa Literatura Brasileira: O *Slam*.

Quando me inscrevi no curso de mestrado do programa de Pós- graduação em Educação da UFJF prometi pra minha avó, que não domina completamente a prática da leitura, que ela seria capaz de entender minha pesquisa, por isso e para praticar a escrita em que eu acredito, gostaria de me libertar de qualquer tipo de obrigatoriedade ou pressão “acadêmica” relacionada à forma como vou escrever esse texto. Quando li Jorge Larrosa (2000, p.11) dizendo que “as palavras comuns começam a nos parecer sem qualquer sabor ou a nos soar irremediavelmente falsas e vazias “no meio arrogante, que por muitas vezes abraça a academia, me senti ainda mais motivada em persistir aproximando a linguagem da escrita da forma como me comunico diariamente com todos ao meu redor. Haverá algumas gírias por aqui. Coisa da rua e, agora também, coisa da nossa Academia.

Respeitando minhas vivências com a oralidade e todas as pessoas que não têm acesso à leitura, essa dissertação será lida em voz alta, narrada, recitada por mim e por alguns poetas convidados. Esse material será gravado e disponibilizado nas plataformas de áudio. Esse texto é um texto simples, poético, afetivo e dedicado aos meus avós.

A pesquisa é composta por esse texto, um documentário com registros imagéticos das visitas nas escolas e um Podcast. Cada material tem seu conteúdo e é recomendado o acesso aos três. Não existe hierarquia ou qualquer tipo de ordem entre os materiais. A ideia é que esses entrem em composição.



LINK PARA
DOC E PODCAST

<https://drive.google.com/drive/folders/1o-ZbOrTKxoTgZpb8r8d1-iSddneJXlg0>

Entre sexta-feira, dia que aconteceu a ligação e segunda-feira, dia da conversa com a pesquisadora da UFRJ, minha cabeça não parou de girar nem um minuto. Por que pessoas que nunca frequentaram o movimento *Slam* estão pesquisando sobre ele enquanto nós, poetas, parte da vivência dessa história oferecemos nossas narrativa e não nos sentimos capazes ou pertencentes a esse universo da pesquisa? Por que a pesquisa sobre *Slam* e o ambiente acadêmico não se põem como perspectiva para nós que vivenciamos e produzimos o movimento todos os dias?

Decidi que faria algo com isso. Poeta marginal também é aquele que faz justiça com as próprias mãos, usando um lápis e uma folha de papel. Decidi, nesse final de semana dessa conversa que eu faria uma pesquisa sobre minha vivência poética, sobre o *slam* a partir do ponto de vista de alguém que vive todos os dias a poesia como profissão.

Eis aqui uma *Slammer* que pesquisa.

Slammer é como o movimento chama os poetas que frequentam as batalhas de *slam*.

Poetas que traduzem anseios, advinham desejos, imaginam mundos, criam palavras-antídoto para traumas, nomeiam sentimentos e escavam sorrisos em meio aos escombros. É assim que vão lidando consigo e com o mundo em que vivem, trazendo à tona não só suas histórias pessoais, mas fazendo com que vozes e narrativas ancestrais, intencionalmente silenciadas, sejam finalmente ouvidas. (D'ALVA, 2022, p. 6).

A partir daqui, quando me referir a esse estudo vou fazer uso da primeira pessoa do plural, uma vez que essa pesquisa não é e nunca foi somente minha, ela é nossa. Ela é de cada pessoa que passar por aqui de alguma forma, de cada pessoa que se sentir representada por ela, de cada um que tiver a chance de escutar a gravação que faremos em áudio com o conteúdo desse texto, para que pessoas como minha avó possam saber sobre o que estamos falando.

Essa pesquisa é um caminho construído no próprio caminhar, no próprio percurso que se faz com os encontros e atividades poéticas. Nesse caso, a única

metodologia que sentimos conforto em antecipar é a vivência. O que emerge do próprio processo ditará o caminho e o pesquisar. Como nos traz Marilda Oliveira (2013, p.4), “é o processo que irá configurar a metodologia. A pesquisa enquanto processo e processo como uma sequência contínua de fatos ou de operações que podem levar a outra sequência de fatos ou de operações”. A pesquisa em si é a caminhada.

Nessa escrita, vamos reforçar a necessidade de não hierarquizar os tipos de conhecimento, uma vez que os saberes populares, cotidianos e urbanos não devem ser considerados menos importantes ou legítimos do que os científicos. Esse é um ponto fundamental dessa pesquisa.

O sábio não é o cientista fechado no seu gabinete ou laboratório. Mas é aquele que conhece o mundo através de seu mergulho no mundo. Esse conhecimento pode ser sistematizado na forma de teoria ou não. A teoria e a experiência prática são vistas como formas diferentes de viver e de sistematizar o conhecimento do mundo, pois é no mundo que a vida social se realiza. Por isso não cabe hierarquia entre elas. (GOMES, 2017, p. 59)

Antes de seguir adiante, gostaria de alertar que essa não é uma leitura indicada pra você que está buscando respostas exatas e absolutas para as questões a serem levantadas aqui. Nosso trabalho tem objetivo de abrir caminhos e plantar sementes no pensar político, poético e educacional, sem a pretensão de chegar a respostas estratificadas.

A SLAMMER QUE PESQUISA

Minha trajetória na educação se confunde e se mistura com minha história política, artística e pessoal. Por aqui, falar de educação é falar de berço. Filha de dois professores, cresci dentro de escolas, entre provas corrigidas, tirinhas da Mafalda e recortes de revistas que seriam posteriormente usados em dinâmicas escolares.

Junto com isso, uma vontade enorme de ocupar lugares na sociedade que até então me eram negados. Desde pequena, me encantavam as palavras, seus jogos, rimas e sons. Com 10 anos, presenciei aulas de contação de histórias, entre as quais tinha como professora minha mãe. Passamos por muitas escolas e ONGS com nossos contos infantis. Quando estava com 13 anos, conheci o Movimento HIP-HOP, dentro de sala de aula, em uma atividade. Aquele dia mudou para sempre minha vida e desde então eu nunca mais parei de escrever. Sou Poeta; por profissão, por paixão e por “ganha pão”.

Desde muito pequena gosto de escrever poesia. Com 18 anos comecei a me profissionalizar e a buscar uma carreira como poeta, e de alguma forma usá-la para ajudar as pessoas. Em 2017, fui vice-campeã mineira de poesia falada, classificada para representar Minas Gerais no Campeonato Brasileiro de *Slam*. Era um sonho, finalmente minha voz estava ganhando espaço. No dia da competição perdi minha mãe, que estava lutando contra um câncer cerebral há alguns anos. Decidi que faria isso por ela e cheguei ao terceiro lugar nacional com meus versos marginais. Voltei de São Paulo certa de que trabalharia como artista e arte-educadora. Depois disso, já estive algumas outras vezes nos campeonatos estaduais de *Slam* e também no campeonato nacional, representando os estados de Minas Gerais e São Paulo.

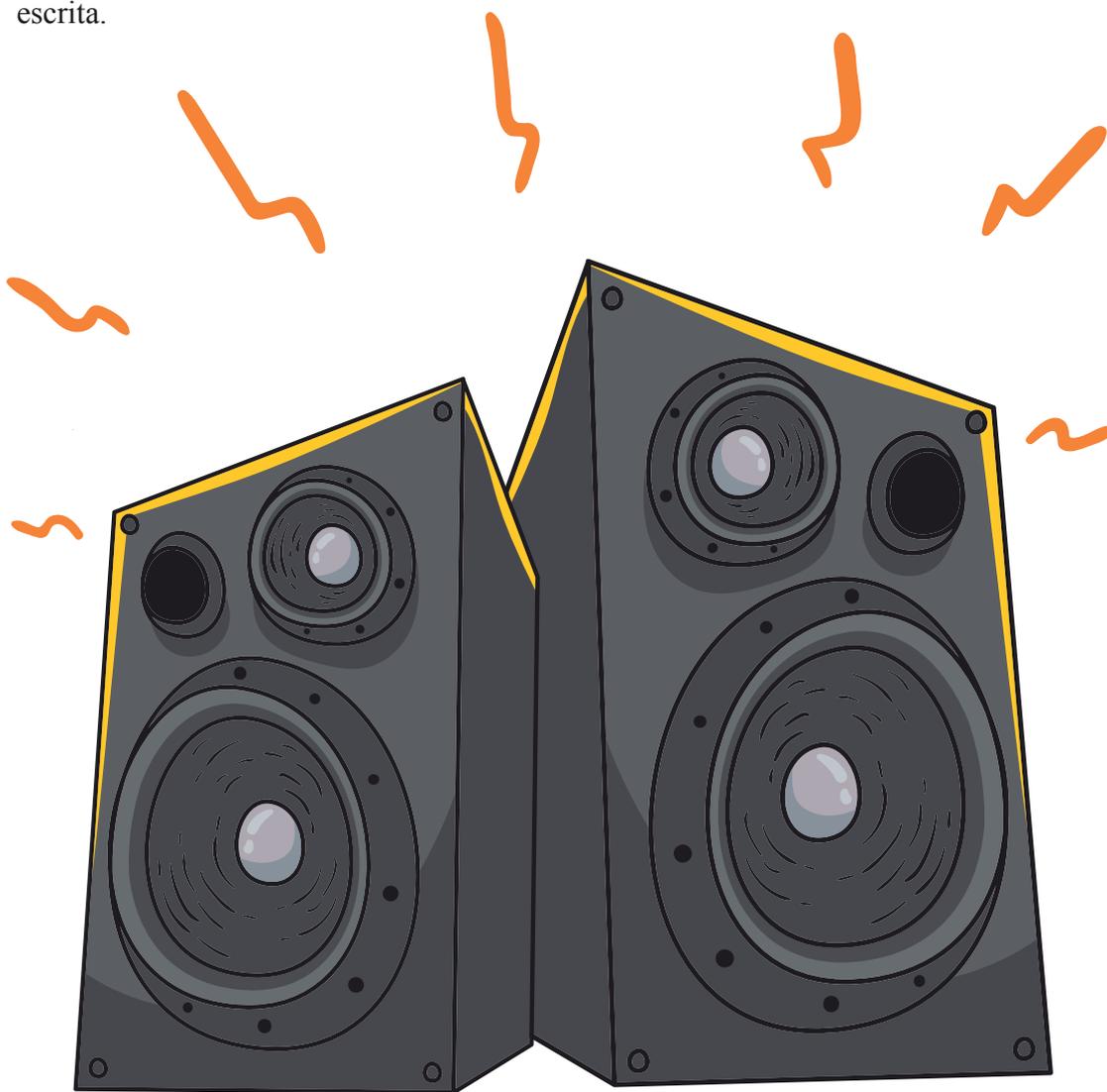
Em 2018 fundei, ao lado da poeta Maria Eduarda Masiero, o coletivo de poesia e arte-educação intitulado “Coletivo Duas”. Através do coletivo demos continuidade ao projeto “Poesia na Escola”, iniciado por mim e pela professora de história Débora Renault em 2017. Por meio desse projeto realizamos muitas visitas às escolas públicas da Zona da Mata Mineira e região. Entre as inspirações que trago para realização diária das andanças pelas escolas gostaria de destacar a pessoa de Adenilde Petrina, em nome do “Coletivo Vozes da Rua” e a Grafiteira Cris Assis em nome do “Hip Hopologia” que antes mesmo da primeira vez em que estive em uma escola com o projeto já espalhavam a semente da poesia periférica e do Movimento HIP-HOP na educação. Nessas visitas levamos poesia, *Slam*, batalhas de rima e oficinas aos alunos, com principal objetivo de trazer para o espaço escolar assuntos e abordagens culturais cotidianas.

Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos. Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 1997, p. 33).

Em meados de 2019, para proporcionar a outros jovens as oportunidades que tive fundamos, eu e o poeta Ícaro Renault uma nova batalha de poesia em Juiz de Fora, a intitulada: “Mais um Slam”.

Aos sábados sou responsável pela oficina de “Poesia Falada” que acontece na comunidade do Vale Verde dentro de um projeto intitulado “Mutirão da Meninada” criado pela professora Maria Helena Falcão Vasconcellos, pessoa responsável por me conectar com o universo da arte-educação, a quem devo todos os frutos a serem colhidos com cada verso que escrevo com meus alunos e alunas das oficinas. Maria Helena, Presente!

Além de trabalhar com poesia falada, dentro e fora das escolas, dedico meus dias à música e ao Movimento HIP-HOP. Escrever e cantar letras de músicas são uma forma que uso para me manter sempre conectada aos movimentos de Rua, conectada à minha história e à minha espiritualidade. A rua ensina e a escola também, então **porque não abrir as portas das escolas para os saberes da comunidade? Até que ponto isso é feito, através de quais iniciativas?** Passaremos por essas questões no decorrer dessa escrita.



O QUE AMPLIFICA A VOZ DO ALUNO?

A POESIA É A PONTE PRO OUTRO LADO

Há quanto tempo nóiz se fode e tem que rir depois?
Pique Jackass, mistério tipo Lago Ness, sério és
Tema da faculdade em que não pode por os pés

(EMICIDA, BOA ESPERANÇA, 2015)

Dia desses, encontrei o professor Silvio Almeida em São Paulo, no Sarau Cooperifa, de meu amigo Poeta Sergio Vaz. Depois de recitar uma poesia autoral sobre a desvalorização do artista independente no Brasil, contei pra Silvio o processo da minha pesquisa e algumas angústias provenientes desse desafio que assumi, que é ser, além de poeta, pesquisadora. Silvio é considerado referência para muitas pessoas, entre as quais me incluo. A conversa:

Silvio Almeida: Entendo o que você passa. Eu passei por isso muitas vezes enquanto pesquisador e até hoje ainda passo por isso como professor universitário. É como se nossos corpos não fossem pertencentes à academia. Como se eles não estivessem em um espaço destinado a eles.

Laura: Sinto um pouco isso, às vezes me sinto um peixe fora d'água. Será que estou pesquisando certo? Será que eu vou conseguir encaixar toda essa vivência nossa nas regras de ABNT? Posso deixar isso pra lá?

Silvio Almeida: hahahaha. Sentia isso também. A gente chega à universidade e não se sente parte, chega à rua e nos olham estranho por estarmos na universidade. Tipo, qual é então nosso lugar?

Socorro Silvio!

Silvio Almeida: Sabe como a gente muda isso? Dando o exemplo. Cruzando a ponte até que seja comum pertencer a esses dois lugares. Nós vamos levar a Rua pra universidade e a universidade pra rua. É tudo nosso. Nós por nós.

POW

Somos o que somos, ta na nossa natureza
 Incomparáveis, únicos, não dando espaço a nossas fraquezas
 Ser um poeta MC foi por merecimento
 Fui atrás da sabedoria, do meu conhecimento
 A rua foi a minha escola, minha universidade
 Não recuei, enfrentei as provocações em cada dificuldade (Pow Litera - Rua,
 2020, p 129)

Passarão por esse texto autores e autoras renomadas do campo da educação e da literatura e também dizeres e textos de autores periféricos independentes, que muitas vezes ainda não tiveram a oportunidade de publicar seus escritos. Esse é um espaço onde entraremos em contato com o *Slam* através de depoimentos e obras de pessoas que realmente fazem o movimento acontecer, na prática, diariamente em cada quebrada de Juiz de Fora, de Minas Gerais e do Brasil.

TUDO
 TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO
 TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO
 TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO
 TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO
 TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO
 TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO
 TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO
 TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO
 TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO TUDO

(PRINCÍPIA, EMICIDA, 2019)

TUDO QUE NÓS TEM É NÓS!



QUEM É QUEM PRA DIZER QUEM É O QUÊ?

Baile de Poesia

- Tia, eu queria escrever uma poesia, mas não posso porque não quero mostrar ela pra ninguém.

- Eu não quero escrever poesia porque estudo o dia todo e quero fazer alguma coisa diferente, eu não sou muito boa em português. Se eu escrever errado ainda vai ser uma poesia?

- Credo tia! Pode por palavrão na poesia? Minha mãe mandou eu parar de falar palavrão, vou falar pra ela que você fala.

- Tia e se o Pedro rir de mim quando eu for ler minha poesia? Você vai brigar com ele? Ele disse que meu cabelo é feio, eu não quero ler a poesia.

- Ler livro é muito chato, a gente prefere assistir aquele menino lá cantando aquele RAP que você passou pra gente aquele dia.

- Laura: Isso é poesia, vocês sabiam? RAP significa Ritmo e Poesia.

- Então o RAP é poesia tia?

- Laura: O RAP é poesia. O FUNK também!

- Ahhhh, então a gente gosta sim! O JP é poeta, né? Ele canta RAP.

- Tia, vai ter baile de poesia hoje lá no Rato, onde a gente mora.

- Laura: Baile funk, hoje?

- É, mas Funk é poesia, então é baile de poesia, né?

- Laura: é!



(Conversa com os alunos da oficina de poesia da favela do Rato, em Juiz de Fora, 2022)

O QUE DE FATO É O SLAM?

O *Poetry Slam* ou simplesmente *Slam* é uma manifestação cultural que gira em torno da expressão poética oral e corporal. Trata-se de batalhas de poesia falada, em que os participantes levam textos autorais de até três minutos de duração para serem declamados, lidos ou cantados. Nessa batalha, não pode haver uso de objetos cênicos e todos os poetas recebem notas de um júri formado por até cinco pessoas. Característica forte desse movimento no Brasil é o teor político das poesias tidas também como poesias periféricas ou marginais, que abordam assuntos como: combate ao racismo e a homofobia; feminismo; amor; periferia e sociedade. O *slam* vem tomando cada vez mais espaço pelas ruas e comunidades do país, principalmente por ser um movimento que dá voz às periferias e minorias sociais, pessoas em situação de opressão na sociedade.

A palavra *slam* é uma onomatopeia da língua inglesa utilizada para indicar o som de uma “batida” de porta ou janela, seja esse movimento leve ou abrupto. Algo próximo do nosso “pá!” em língua portuguesa. A onomatopeia foi emprestada por Marc Kelly Smith, um trabalhador da construção civil e poeta, para nomear o Uptown Poetry Slam, evento poético que surgiu em Chicago, em 1984. (AGRA, Cynthia, 2017, p.2).

Segundo Roberta Estrela D’alva (2011), o *Slam* nasceu em meado dos anos 1980 em Chicago, e tem como precursora, no Brasil, a própria poeta, que foi responsável por trazer essa cultura para o país e fundar o primeiro Slam brasileiro, chamado ZAP (Zona autônoma da palavra), em 2008. O segundo Slam do Brasil, o primeiro a acontecer na rua, nesse caso em uma Praça de São Paulo foi o “Slam da Guilhermina”, fundado pelo poeta Emerson Alcalde que junto ao “Slam Resistência”, “Slam do 13” e “Slam das Minas” se apresentam como pilares da cena nacional, batalhas referência que espalham até hoje a semente da poesia por todo Brasil. A POESIA VIRAVA ESPORTE NACIONAL.

Poderíamos definir o *poetry slam*, ou simplesmente *slam*, de diversas maneiras: uma competição de poesia falada, um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas ou até mesmo mais uma forma de entretenimento. De fato, é difícil defini-lo de maneira tão simplificada, pois, em seus 25 anos de existência, ele se tornou, além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural, artístico que se expande progressivamente e é celebrado em comunidades em todo o mundo. (D’ALVA, 2014, p. 109).

(Nesse trabalho pretendemos explicar como uma batalha de poesia funciona, mas acreditamos que tem coisas que realmente só vivendo, então, antes de seguirmos deixamos aqui uma dica: procure o *Slam* mais próximo de você assim que for possível. Você não vai se arrepender. Se houver a oportunidade opte por viver essa experiência pessoalmente).

Desde então, esse movimento vem se expandindo pelo Brasil nas comunidade praças, ruas, espaços culturais, casas de show e, também, escolas. Como nos trás Rogério Coelho (2017), o *Slam* tem em sua maioria cinco regras principais. São elas:

- Poesias precisam ser autorais (Três rodadas, ou seja, cada poeta deve levar ao menos três poesias);
- Cada poesia deve ter duração de até três minutos;
- Não é permitido o uso de objetos cênicos ou instrumentos musicais;
- As poesias são julgadas por cinco jurados escolhidos aleatoriamente na plateia (no caso da escola, educadores e funcionários);
- As notas variam de 0 a 10 de forma que a maior e a menor nota são descartadas e as demais somadas totalizando um máximo de 30 pontos

Todo *Slam* tem um grito de guerra, puxado pelos apresentadores (Slam másters antes da intervenção de cada poeta, a ideia é concentrar a energia de todo mundo e evocar silêncio absoluto para que os poetas possam se apresentar.

- SABOTAGE SEM MASSAGEM NA MENSAGEM

- SLAM RESISTÊNCIA!!!!

POW

Dentro de um ambiente de *Slam* é possível ter acesso a poesias com os mais diversos temas, no entanto, as temáticas que predominam nessas batalhas são aquelas também abordadas pelo Movimento HIP-HOP que perpassam por questões sociais, existenciais, políticas, gênero, raça, classe, amor, território etc. Além dessas temáticas

de cunho político social, as poesias de *Slam* são caracterizadas por incorporar diversas referências históricas e educacionais.



Fazer rima é fácil,
 Eu faço até de olhos fechados
 O difícil é fazer uma rima
 Que bota pra cima os maluco na pista
 E não seja mais um discurso machista sendo reforçado
 E não seja mais um discurso que pisa no nosso direito de ser o que quer
 Não seja mais um discurso que visa ter grana no "Visa"
 pois nós precisa dos mano engajar
 Que não seja mais um discurso que brisa ser capitalista
 Rap sexista que oprime mulher
 (JOÃO PAIVA, RUA AGAVE, 2021)

Quando os jurados dão alguma nota menor do que 10 para uma poesia o público puxa um grito de protesto caso ache que a nota foi injusta. Quem inventou esse grito foi o Cérebro, nome importante da cena Brasileira da *Slam*.



Foto de Sérgio Silva/ Divulgação Slam BR

O *slam* se caracteriza pela criação de espaços democráticos, de escuta e de fala; ensinamentos e aprendizagem; dar e receber. Assim como os saraus periféricos, o *Slam* é resistência à exclusão social, e aos vícios hegemônicos. “As crianças daqui estão de HK, leva num sarau, salva essa alma aí” (Criolo: Subirusdoistiozin). Lugar legítimo de reivindicar por direitos e de propagar as vozes de igualdade de gênero, raça, posição política e social. Nessa troca de experiências que esse movimento permite, o processo educacional pode se dar através de vários fluxos já que as informações são expostas e interpretadas por cada pessoa.

Como a gente costuma afirmar, o Slam é um espaço de escuta muito potente, uma vez que em um encontro a gente costuma recitar três poesias e escutar mais de sessenta. Saber entender a arte do outro e respeitar sua vivência faz parte do que o movimento propõe.

Essa cultura mostra que todos podem não só escrever e recitar, mas também, se sentir à vontade com suas dores, lutas e escolhas que em muitos casos são semelhantes às de outros poetas e participantes. Esse processo de identificação de questões pessoais não só contribui para educação, como aproxima e acolhe as pessoas que abandonam o sentimento de solidão e se sentem parte, mesmo que apenas assistindo. Desse modo, o *Slam* impacta poetas, ouvintes e transeuntes de diversas formas.

- NOTAS JRADES

- TEMOS UM 9,8

CREEEEEEDDDDDDDOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOO
 OOO
 OOO
 OOO
 OOO
 OOO
 OOO
 OO

- TEMOS UM 10

- POWWWWWW

- POWWWWWW

-POWWWWWWW

CULTURA DA RUA

HOP
HOP

É FODA!

DJ-MC-GRAFFITT-BREAK- CONHECIMENTO

“Começamos nos guetos das grandes capitais
Movimento dos pretos e de seus ideais
Somos filhos de Ketu somos originais
Hip-hop é feito com tempero de paz
Dançamos por aí, grafitamos murais
La eles tem jay-z aqui tem racionais
Pode ser mc, se não for tanto faz
O importante é sentir...
Que o hip-hop é foda...
Que o hip-hop é foda...
Que o hip-hop é...
Mais é um universo imenso em cada verso
Cada vez que verso com alguém eu converso
Cada canto que toca, seja pros mother fucker
Pra quem é do pipoco ou se só é pipoca
Seja careta ou louco, seja boy ou maloca
Isso pra mim é pouco, o importante é que...
O hip-hop é foda...
O hip-hop é foda...
O hip-hop é...
Ja salvou muito mais, que varias ongs banais
Ja lovrou muitos mais que professores e pais
Projetos sociais não seduz marginais
Mais põe um rap pra ouvir a diferença que faz
Eu sei que é foda e que ta na moda
Mais quando é pesado e verdadeiro te incomoda
É foda é fato, tempo 4 por 4
Mc, b-boy, grafite e o dj riscando os prato...
Ele é papel, caneta, é lição, som e letra
Ele é chão, é planeta, é visão de luneta
É loucão, tarja preta, é canhão, é Beretta
É os neguinho de bombeta, ele é muita treta
É Sabota, é Bambata, é swing de Da Lata
É resgate, é escada, é a voz das quebrada
Ele é "hey!", ele é "how!", ele é free, ele é show
Libertou, me mostrou quem eu sou
O Hip-hop é foda!
E quando o Hip-hop apareceu na minha porta
Prevaleceu, permaneceu na mente uma cota
Enriqueceu, fortaleceu a saudosa maloca
Enfraqueceu vários mo-mo-mo-mo-mo-mo-mo-motherfucke
E eu me lembro da São Bento, 8 anos tinha
Todo aquele movimento deu discernimento e linha
Que pra ser um MC não é só portar o microfone
Usar os pano muito louco e ter um belo codinome
É pra mina, é pra homem, é pra quem, pra quem quiser
Seja lá você quem for, seja como estiver
Hip-hop é uma cor, um amor, uma fé
Denuncia a injustiça e deixa em choque os gambé”

(RAEL, O HIP-HOP é foda, 2014)

Por acreditar na potente correlação entre esses dois movimentos, acreditamos ser fundamental trazer de forma breve uma apresentação do movimento HIP-HOP. Pensamos em fazer isso através da letra do Rael da rima que conta de forma artística a história do HIP HOP e seus cinco elementos: rap cantado por Mestres de Cerimônia, grafites (assinaturas), Dj's, Street Dance e o mais importante, o conhecimento.

O hip-hop pode ser um estímulo quando fala sobre algo que a pessoa não conhece, aí ela pesquisa para entender. Acho que isso é uma forma de incentivar o jovem a estudar. Às vezes, quando faço minhas rimas de matéria escolar, a pessoa pode pensar 'será que isso que ele tá falando é certo?'. Então, ela vai lá e pesquisa". (MC Marechal, entrevista concedida à Fundação Telefônica Vivo, São Paulo, 2021)

A conduta do Movimento Hip-Hop, e também do *Slam* valoriza a importância de passar adiante os conhecimentos adquiridos dentro da prática do próprio movimento. Em virtude disso, os movimentos urbanos e a arte-educação caminham de mãos dadas há muitas gerações.

Desta forma, a Literatura Marginal pode englobar o hip hop, os saraus de poesia, os *slams*, bem como toda produção literária que é realizada nas periferias que têm como ponto de partida o falar de si por si, se apropriando da palavra e contando a própria história (MINCHILLO, 2016)

Conversando com o poeta caixara Brenalta, vencedor de diversas Batalhas de *Slam* ele nos contou sobre a relação do Movimento Negro, cultura de rua e sua busca por sua identidade.



• O Movimento Preto foi minha escola né? Porque assim, dentro de casa não se
 • falava sobre questões raciais. Eu fui descobrir que eu sou preto dentro das
 • rodas de HIP-HOP tá ligado? Quando eu via pessoas que nem eu, se vestindo
 • da forma como eu me vestia, falando da forma que eu falo e que por muitas
 • vezes dentro das escolas, por conta dos meus trejeitos né, eu era zuado. As
 • pessoas davam risada da minha forma de ser. Dentro do Movimento HIP-
 • HOP eu entendi que é lindo ser como eu sou, que é incrível se vestir como eu
 • me visto, falar como eu falo sabe? O movimento HIP-HOP eu costume dizer
 • que foi meu RG né? Minha porta pra minha identidade, eu me descobri ali de
 • fato eu me senti abraçado, me senti mais vivo e agradeço demais ao
 • movimento preto por fazer eu entender a importância que é ser uma pessoa
 • preta no Brasil”(BRENALTA MC, Entrevista concedida à Laura Conceição
 • para desenvolvimento desse trabalho, julho de 2022).

**“O QUE PODEMOS CADA
UM DE NÓS FAZER SEM
TRANSFORMAR NOSSA
INQUIETUDE EM UMA
HISTÓRIA?”**

(GOMES, Nilma Lino, 2017, p.31.)

ESSE É O DISPARADOR DA NOSSA ESCRITA. É ISSO QUE O SLAM FAZ: TRANSFORMA AS INQUIETUDES EM POESIA. SE A GENTE FAZ ISSO DENTRO DA ESCOLA E/OU DE UMA OFICINA OS ALUNOS SÃO CONVIDADOS A FALAR DE SUAS INQUIETUDES. O QUÃO POTENTE ISSO PODE SER? QUEM VAI ESCUTAR O QUE ESSES ALUNOS TÊM A DIZER? NÓS VAMOS!

INTERSECCIONALIDADES, OPRESSÕES E A CURA POÉTICA

Os avanços e caminhos dos estudos feministas, e também as vivências das mulheres em sociedade, como traz Adriana Piscitelli (2001,p.9), consideram que as mulheres ocupam lugares sociais subordinados em relação aos homens. “A subordinação feminina é pensada como algo que varia em função da época histórica e do lugar do mundo que se estude. No entanto, ela é pensada como universal, pois parece ocorrer em todas as partes e em todos os períodos históricos conhecidos.”

O já mencionado famoso “Slam das Minas” surgiu para proporcionar espaço de compreensão, acolhimento e escuta para mulheres, pessoas trans e/ou não binárias, nessa batalha os homens cis são bem vindos, porém ocupam apenas o lugar de escuta.



O primeiro slam só de mulheres surgiu em Brasília, com a Tati Nascimento e umas manas dela. Fizemos um debate com ela sobre a importância de eventos assim, o que deu origem a uma primeira edição experimental do Slam das Minas aqui. Nesse primeiro evento colou muita gente e percebemos que realmente precisávamos de um espaço assim em São Paulo também. Até a gente conseguir recuperar nosso lugar na história vamos precisar de um espaço só para negros, outro só para mulheres, outro para gays. Em 2015, na final do Slam Br, a primeira rodada tinha mais mulheres que homens, mas só uma passou para a segunda fase e ela não chegou à final. A gente participava desses espaços, mas ainda não estava sendo ouvida e reconhecida. No Slam das Minas, não, a maioria é mulher, tem muita gente participando pela primeira vez. (PEIXOTO, 2017 entrevista concedida ao blog “Escrevendo o futuro”, São Paulo, 2021)

Mulheres sofrem opressão na sociedade, ainda mais quando negras, lésbicas, trans, periféricas e etc. Essa sobreposição de eixos de opressão acontece também com homens negros, trans, gays, pessoas não binárias e com muitos outros seres humanos de diversas formas diferentes. Todas essas pessoas encontram escuta dentro do *Slam*. O movimento ensina que a história de vida de cada poeta precisa ser respeitada. Cada ser soma suas vivências, subjetividades e histórias de modo a se colocarem nos eixos dos sistemas de gênero, raça, etnia, sexualidade, idade, entre outros.

. Analisar as existências de forma interseccional é garantir uma melhor interpretação da realidade e assim, melhor planejamento de ações para interferir positivamente na sociedade. No livro “Interseccionalidades: Feminismos plurais”, Carla Akotirene traz a importância desse pensamento na construção de uma sociedade antirracista.

A interseccionalidade instrumentaliza os movimentos antirracistas, feministas e instâncias protetivas dos direitos humanos a lidarem com as pautas das mulheres negras. Compreenderem, por exemplo, que nos Estados Unidos a General Motors, até a década de 1960, não contratava mulheres negras e, quando passou a fazê-lo na década seguinte, manteve a discriminação de raça e gênero prescrita às demissões compulsórias e restrições para admissão baseadas na altura e no peso corporal de seus funcionários. (AKOTIRENE, CARLA. 2019. P.37)

Entender e respeitar a sociedade de forma a levar em consideração as interseccionalidades é, portanto, uma maneira de contribuir também para elaboração de políticas públicas inclusivas, para diminuição de genocídios, racismos, feminicídios, homofobias, transfobias etc. A compreensão de fatores múltiplos que perpassam as existências dos seres humanos garante vitalidade e qualidade de vida.

ONDE SE FALA SOBRE GÊNERO

Acreditamos que o conceito de gênero e o avanço de seus estudos estão completamente relacionados aos caminhos dos estudos feministas e sua história. Foram as militantes feministas que trouxeram essa temática para dentro das universidades e, graças a isso e ao caráter político dos estudos feministas, hoje é possível estudar, compreender e ensinar o conceito de Gênero.

Os poetas nos Slans também trazem com frequência informações sobre o movimento feminista, a importância da luta por igualdade de direitos, por respeito e pela ocupação de espaços que por muitas vezes nos são negados. Eu mesma, enquanto poeta do movimento desde o início conto minhas vivências na poesia existindo e reexistindo enquanto mulher lésbica na sociedade.

Vaca, trepadeira, vadia e puta

O mundo enche a gente de nomes

E a gente enche o mundo de luta

(LAURA CONCEIÇÃO, TEMPOS EFÊMEROS, 2017)

É ÓBVIO!

“

Pra que toda a causa, as pautas, os problemas etc, ganhem mais espaço
Que a gente possa crescer como uma comunidade
Pra que tudo isso que merece respeito realmente ganhe mais respeito

Já chego confrontando mermo que aqui os bi têm voz
É nosso esse espaço, tamo com as preta e com as bicha feroz
Plantamos a flor da resistência pra que aflore após
Que isso não é um sub rap, é o próprio rap, então engole nós

Fizeram a cultura ser um espaço fechado pró padrão
Tem que ser tradicional como habitual, se é dos nossos, tchau, vão fechar o portão
Dropei the chicken, pouco me fodi, que aqui é musique non-binaire
Não tamo binário na vida, imagina no som

E um salve especial pra toda a comunidade LGBTQIA+
Que resiste não só na vida como dentro do rap também, certo?

E os cara põe gênero em roupa, gênero em cor, gênero até no odor
Sempre posto numa caixa, biscoito ou bolacha, é hétero ou gay, pelamor
Eu não sou meio a meio, eu sou eu, sou bissexual
Existo igual, não me rotula com teu manual

Se me vê de saia, de brinco, de esmalte e batom já pensa, será que esse é macho?
ho que é macho, bom, pelo menos eu acho, eu vi com mulher então tá bom
É, sou um homem cis, e não porque quis, tem quem não se identifica
Então respeita as trans e as travestis se não quer sair na bica

E não é só uma dica, então fica esperto, tua soberania acabou
Não aguenta nem perder pras mina, imagina pro bonde que a gente juntou
Esse lançamento serviu pra que também?
Pra incomodar os incomodados
Sim, essa corja de preconceituoso e otário do rap nacional

Ah, não, mano, é sério que a gente ainda tem que falar essa porra procês ainda?

Que o rap de bi também é rap, mano, é óbvio
Que o rap de trans também é rap, mano, é óbvio
Que ouço as lésbica e aplaudo os viado, mano, é óbvio
Que LGBT faz som pesado, mano, é óbvio

Que estar no padrão te põe na frente, mano, é óbvio
Que o binarismo é conveniente, mano, é óbvio
Que nós é tirado de indecente, mano, é óbvio
Que LGBT ainda tem que provar que é gente, mano, é óbvio

Vamos começar a pensar no que que o rap é de fato e pra quem que ele tá servindo
Porque até hoje não tava servindo pra homossexual
Até hoje não tava servindo pra lésbica, pra bi, pra travesti e pra trans
Até hoje vocês marginalizaram todas essas pessoas dentro desse movimento
E esse movimento é acolhimento, e a gente acredita nisso”

(NEGA PRETO, BISEXUAL ÓBVIO, 2019).

De acordo com Guacira Louro (1997) as identidades sexuais (sexualidade) se constituiriam através das formas como as pessoas vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as. Por outro lado, Guacira traz que os sujeitos também se identificam, social e historicamente, no ocidente como masculinos ou femininos e assim constroem suas identidades de gênero. Essa diferenciação entre os conceitos de gênero e sexualidade nos ajuda a compreender os diversos caminhos de intersecção que veremos no nosso estudo de caso.

Joan Scott (1995) aponta o gênero como primeiro exercício de poder sobre nossos corpos, mas não o único. Logo, surgiram estudos e proposições teóricas que admitiram a existência de marcadores sociais que atravessam a produção da subjetividade: o gênero, a classe e a raça.

Angela Davis, conhecida mundialmente por sua luta e ativismo traz em seu livro “Mulher, raça e classe” (2016) a importância de entender e considerar esses atravessamentos sociais, não apenas como forma de compor a subjetividade de cada indivíduo, mas também como fatores que determinam como a sociedade vai enxergar, julgar e enquadrar cada ser humano. Esses marcadores acabam por determinar o “lugar” social de cada indivíduo. Esse pensamento de enquadramento é o que queremos destruir para garantir uma sociedade mais democrática e acolhedora.

Compreendemos que a importância de abordar a temática de gênero na rua, nas rodas culturais da periferia perpassa pela potência da vivência e do entendimento popular. As poesias chegam a lugares onde teóricos acadêmicos não chegam. A arte de Rua alcança a rua, sempre foi assim.

De qual lado você luta?

Não é de hoje que calam meu grito, abalam meus instintos
ambos pela dor
por te nos olhos esse brilho, essa herança bem quista dos genes de meu bisavô
não é só pela preta cotista, a casa própria da diarista
ou qualquer outra conquista dos que fazem parte da história de uma terra que
você usurpou!
É ver o espaço ocupado, a mulher preta, pobre no doutorado,
retomando seu legado, sem dizer: Sim senhor.

Nos querem supérfluas, apáticas – sem senso crítico
nos moldam em estéticas, inépcias, estratégia sádica orquestrada por cínicos
eu rejeito seus dogmas e mantenho a perspicácia no meu raciocínio
e ainda observo bem atenta os que compactuam com a tua lógica ilícita de
extermínio.

Senhores em seus altares, disputando egos maiores
supremos, palácios, planaltos, para que possam se sentir superiores,
influentes na arte da intolerância, não sei como se cria
tanta mente ambiciosa, tolhendo anciã sabedoria.

Nos oferecem uma mídia abastada, interesseira e interessada
apenas na morte, mas não em quem mata.
Como será que um corpo suporta, tanta violência inescrupulosa?
Como é possível dormir com as vozes em minha cabeça de tantas irmãs mortas?
Nossas almas pedem por socorro e ninguém nota!

E eu só peço a Oyá que me guia:
mantenha-me longe dos senhores fardados do mato e sua milícia!

Me diz, o que te assusta?
A farda, a gravata ou a luta?
Perceba que nessa disputa,
conheço teu caráter
pelos heróis que cultua!

(MEL DUARTE, DE QUAL LADO VOCÊ LUTA?, RESVISTA PHILOS, 2020)

De acordo com a Articulação de mulheres Negras Brasileiras (AMNB) -2011 o “conceito de interseccionalidade afirma a coexistência de diferentes fatores (vulnerabilidades, violências, discriminações), também chamados de eixos de subordinação, que acontecem de modo simultâneo na vida das pessoas”. Graças às perspectivas interseccionais é possível entender, pesquisar e lutar contra a existência das desvantagens eminentes de uma sociedade desigual e registrar o efeito disso nas vidas das pessoas. Esse efeito analítico nos permite interpretar a realidade para melhor atuar sobre ela e buscar sua transformação.

ONDE SE FALA SOBRE RAÇA

“Eu tenho um problema: meu ascendente é em Ariés. E eu tenho outro problema: é que eu sou a menina que nasceu sem cor. Pra alguns eu sou "preta", para outras eu sou Preta, para muitos e muitos eu sou parda. Ainda que eu sempre tenha ouvido por aí que parda é cor de papel e a minha consciência racial quando me chamem de parda fique tão bamba quanto a auto-declaração de artista pop como Anitta quando pratica apropriação cultural. Eu sou a menina que nasceu sem cor porque eu nasci num país sem memória, com amnésia, que apaga da história todos os seus símbolos de resistência negra, que embranquece a sua população e trajetória a cada brecha, que faz da redenção de Can a sua obra prima, Monalisa da miscigenação. E ô ode ao milagre da miscigenação, calcado no estupro das minhas ancestrais, na posse de corpos que nasceram para serem livres, na violação de ventres que nunca deveriam ter deixado de serem nossos. E eu tenho outro problema... pô, eu não sei dar cambalhota e não importa que pra alguns eu seja a menina que nasceu sem cor, que falte melanina pra minha pele ser retinta, que os meus traços não sejam tão marcados. O colorismo é uma política de embranquecimento do Estado que por muito tempo fez com que eu odiasse os traços genéticos do meu pai herdados, me odiasse, me mutilasse, meu cabelo alisasse. Meninas pretas não brincam com bonecas pretas. Mas faço questão de botar no meu texto que pretas e pretos estão se armando, se amando. Porque me chamam por aí de parda, morena, moreninha, mestiça, mulata, café com leite, marrom bombom... Por muito tempo eu fui a menina que nasceu sem cor, mas um dia gritaram-me: NEGRA. E eu respondi.” (MIDRIA: EU SOU A MENINA QUE NASCEU SEM COR)

Uma vez, em um bar de São Paulo, conversando com minha amiga Mídria, autora desse poema acima, ela me contava sobre a importância do movimento *Slam* no seu próprio processo de identificação e no de cada pessoa com sua origem, sua etnia e sua história. Fiquei pensando em quantas meninas negras passaram a se identificar com sua pele e sua história depois de terem contato com essa poesia e com outras tantas recitadas nos *Slams*. Criar pontes de conexão entre as histórias é potente em um nível de salvar vidas. Quando vejo alguém relatar uma história parecida com a minha, passo a não me sentir sozinha com minhas próprias angústias. **Ninguém está sozinho no *Slam*.**

De acordo com Nilma Lino Gomes (2017), os movimentos sociais são produtores e articuladores dos saberes construídos por grupos que não são hegemônicos em nossa sociedade. O *slam*, assim como o Movimento HIP-HOP, se caracteriza como braços urbanos potentes do Movimento Negro no Brasil. “É também o Movimento Negro responsável por trazer a arte. A corporeidade, o cabelo crespo, as cores da África para o campo da estética, da beleza, do reconhecimento e da representatividade” (GOMES, 20017, p.18).

Entendemos o Movimento Negro como o conjunto de articulações, mobilizações, movimentos artísticos, forças e organizações de negras e negras que lutam contra o racismo e buscam a superação do mesmo na sociedade. Esse conceito deriva da junção das definições de Nilma Lino Gomes (2017) e José Rufino dos Santos (1994).



E auto estima, cê tem?
Poder nas cima, cê tem noção do poder que minhas rima tem?
Mudando a vida dos preto e que seja pro bem
Pente garfo na veia, auto estima tá cheia
Amor próprio aqui veio a calhar
Pente garfo no black, auto estima dá um check, lek
Que os afro vai armar
Incomoda racista que abre a boca e só defeca
Compro 10 de uma vez que a unidade é uma merreca
Ele prende com mais força quando meu cabelo seca
E quando vou viajar, levo mais pente que cueca

Preto tipo nós não interessa procê
A não ser que seja pra bater ou prender
E prender que eu falo não é sempre cadeia
Cês tenta impedir de fazer o que nós quer
Implica com o brinco que tá na orelha
O pente no cabelo e o boot no pé
Então nós tem que ter muita fé
Por nosso axé de oboró nesse mundo e
Estiloso igual Bambaataa nós é
O teu senso de estilo, Arlindo Grund
Cara gente branca, eu não esqueci de pentear o cabelo
Cês inconveniente o suficiente
Pra esquecer ou não querer me dar o respeito



“Pente garfo, auto estima, pente garfo, auto estima
Pente garfo, auto estima, black, afro, melanina
Pente garfo, auto estima, pente garfo, auto estima
Pente garfo, auto estima, black, afro, melanina

Pente garfo no crespo, no brinco, na pele, no beat e no bolso dos meus
Pente garfo no crespo, no brinco, na pele, no beat e no bolso dos meus
Pente garfo, auto estima, pente garfo, auto estima
Pente garfo, auto estima, black, afro, melanina
Pente garfo, auto estima, pente garfo, auto estima
Pente garfo, auto estima, black, afro, melanina
Pente garfo, auto estima
Tá evidente de fato nas rima
Que hoje eu me sinto pra cima
Nem tente, se sente, se adapte ao clima
Coisa de preto nunca tá bom, né
A não ser que seja pra vender

Um salve pra todos professores
Que fizeram piadinha com o meu cabelo
Mas antes de ensinar racismo pros outros
Pera aí, deixa eu te dar uma aula primeiro
Tudo bem, cê sempre foi rico
Criado a leite, pera e lacoste
Não aprendeu que tá tudo bem
Posso me armar de black, ainda que não goste
Pode olhar torto e fazer cara feia
Só te dou um aviso: Não encoste
Porque eu sou tipo um Sansão preto
Encostou no cabelo, é jurado de morte
Pente garfo, auto estima, pente garfo, auto estima
Pente garfo, auto estima, black, afro, melanina
Pente garfo, auto estima, pente garfo, auto estima
Pente garfo, auto estima, black, afro, melanina”
(NEGA PRETO, PRETOVIVO,
PENTE GARFO AUTO ESTIMA, 2021)

“RACISMO?

NO BRASIL?

QUEM FOI QUE DISSE?

ISSO É COISA DE AMERICANO.

AQUI NÃO TEM DIFERENÇA PORQUE TODO MUNDO É BRASILEIRO ACIMA DE TUDO, GRAÇAS A DEUS. PRETO AQUI É BEM TRATADO. TEM O MESMO DIREITO QUE A GENTE TEM. TANTO É QUE, QUANDO SE ESFORÇA, ELE SOBE NA VIDA COMO QUALQUER UM. CONHEÇO UM QUE É MÉDICO; EDUCADÍSSIMO, CULTO, ELEGANTE E COM UMAS FEIÇÕES TÃO FINAS... NEM PARECE PRETO.

Por aí se vê que o barato é domesticar mesmo. E se a gente detém o olhar em determinados aspectos da chamada cultura brasileira a gente saca que em suas manifestações mais ou menos conscientes ela oculta, revelando, as marcas da africanidade que a constituem. (Como é que pode?) Seguindo por aí, a gente também pode apontar pro lugar da mulher negra nesse processo de formação cultural, assim como pros diferentes modos de rejeição/integração de seu papel.” (GONZALES, 2020. p.78)

Se, de um lado, nem todas as mulheres foram excluídas das indústrias e nem todos os negros foram excluídos do mercado de trabalho, somente a análise interseccional destacou a forma com que as mulheres negras sofrem a discriminação de gênero, dando múltiplas chances de interseccionar esta experiência. Quando ausentes os letramentos interseccionais para as abordagens feministas e antirracistas, ambos reforçam a opressão combatida pelo outro, prejudicando a cobertura dos direitos humanos (AKOTIRENE, 2019, p.39)

Quando o assunto é poesia na escola, a abordagem dessas temáticas e suas interseccionalidades se torna ainda mais importante no processo de acolhimento escolar. Quando a gente leva poesias com temáticas que dialogam sobre gênero e raça pra dentro das escolas e das oficinas a gente contribui para que esse processo de identidade e auto conhecimento aconteça na vida de quem tem contato com o *Slam*.

“O slam vem de uma tradição de rua, assim como a batalha de MC’s e o rap, e traz um cunho social muito forte. Quem participa, na sua maioria, são pessoas da periferia, que falam sobre seus problemas, seja o racismo, homofobia, opressão... E no Slam das Minas aparecem questões que permeiam a vida da mulher, então falamos de machismo, assédio, as mulheres pretas falam de racismo, as mães de suas questões. Alguns professores relutam em levar essa poesia da rua para a escola, mas é muito mais fácil conversar com o aluno trazendo uma realidade mais próxima dele primeiro. E todo mundo gosta de competição, então uma batalha de poesia torna tudo mais interessante. (PAM ARAÚJO, entrevista concedida ao blog “Escrevendo o futuro”, São Paulo, 2017)

No caso de Mídria e Brenalta esse processo aconteceu tardiamente. Para evitar que isso aconteça com mais jovens, em 2017, começamos a visitar escolas. A conduta de levar o slam para crianças e adolescentes em seus ambientes de estudo existe há muitos anos por todo Brasil, tendo como pioneiro Emerson Acalde, criador do “Slam Interescolar de São Paulo”.

SLAM NA ESCOLA

SARAU NA ESCOLA

RAP NA ESCOLA

GRAFFITI NA ESCOLA

DANÇA NA ESCOLA

CIRCO NA ESCOLA

RUA NA ESCOLA

-

-

-

ARTE NA ESCOLA

ARTE É ESCOLA

LUGAR DE TRANSFORMAÇÃO

Poetas, gritos, artistas de rua, Fazemos poesias como jogamos bola, Para democratizar a literatura, Levamos os Slam para as escolas...
(EMERSON ALCALDE, 2016)

Por aqui, estamos acompanhando a potência da poesia falada enquanto agente transformador de realidades e incentivador de sonhos. Traremos registros e experiências emergentes das visitas que fazemos às escolas públicas com nosso projeto intitulado “Poesia na Escola” e também oficinas onde trabalhamos o *Slam* com crianças e adolescentes. Algumas dessas oficinas acontecem em sedes de projetos sociais, casas de líderes comunitárias, ruas e praças da cidade de Juiz de fora. De acordo com Elizabeth Silva (2005, p. 15) “as práticas escolares, mantém pouca ou nenhuma relação com o universo cultural dos estudantes, não representam algo que tenha significação para eles”. É aí que a gente entra.

O Projeto “Poesia na escola” foi idealizado por um grupo de poetas e professoras, no qual me incluo com a vontade de mudar essa realidade e aproximar assuntos cotidianamente vividos pelos jovens de seu processo de aprendizado, tanto na escola quanto na rua.

Formas culturais popularmente vivenciadas entre os educandos dificilmente estão presentes no processo educativo da escola ou são legitimadas enquanto cultura pelos educadores. Podem, entretanto, adquirir relevância na educação escolar, no momento em que são visualizados como ponto de partida no processo de ensino e aprendizagem, para ilustrar princípios e teorias de determinadas áreas do conhecimento, para a elevação da auto-estima e para a prática da cidadania, da tolerância, da solidariedade, do respeito ao diferente e de valorização do plural, fazendo com que a escola passe a viver valores democráticos e não apenas a louvá-los em seu discurso.(SILVA, Elizabeth, 2005, p.2).

Por acreditar que a escola não é somente o espaço delimitado pelos muros e pela construção arquitetônica de um ambiente onde as aulas são lecionadas, pensamos em, para essa pesquisa definir, como **escola, todo “Lugar de Transformação”** onde esses encontros poéticos que irão desenhar os caminhos de nossas pesquisas e nossas vidas na busca pela escuta dos jovens que participam desses encontros possam acontecer. Em alguns registros os jovens estarão em seus colégios, em outros em suas ruas, em ONGs

Partiremos aqui da prática do que Nilma Lino Gomes (2017) chama de “Conhecimento –Emancipação” no qual o ato de conhecer está diretamente relacionado ao saber, sabor e saborear de cada experiência. “O Conhecimento–Emancipação é intensamente vinculado às práticas sociais, culturais e políticas” (GOMES, 2017, p.59).

Defendemos um ponto de vista crítico e contra hegemônico se tratando de padrões curriculares, métodos de ensinos tradicionais e vigentes na maior parte das instituições de ensino tradicionais do Brasil. Não é objetivo desse trabalho trazer definições diversas sobre o que pode ser considerado espaço escolar, mas sim partir do ponto em que acreditamos na potência da inserção da cultura popular e urbana em qualquer espaço de aprendizagem, seja ele formal, informal, comunitário, público ou privado. Onde tem poesia, tem escola.

POESIA
↑
ESCOLA

PESQUISAR É VIVER

A primeira vez que recitei uma poesia foi na escola, eu tinha sete para oito anos. A proposta do trabalho era que cada aluno decorasse uma poesia do livro infantil “Paisagem de menino” da autora Neusa Sorrenti e recitasse da sua maneira, respeitando sua personalidade. Alguns amigos cantaram, outros dançaram, já eu apenas recitei. Foi um dos melhores dias na escola. Dentro de minhas memórias de alguma forma já sabia que faria isso mais vezes.

Estudei minha vida toda em uma escola particular, privilégio garantido pela bolsa integral do sindicato dos professores ao qual meus pais eram ambos filiados. Na minha escola poesia era coisa para aula de literatura e a pintura sim, era arte. Aprendi a ver a poesia em um lugar distante, abstrato e inacessível, a escola não me mostrou a prática poética enquanto perspectiva de trabalho, de arte ou de ocupação futura. Também por isso demorei a me reconhecer artista, e mais ainda “operária da palavra”, já adulta fui entender que a palavra é também profissão.

Depois de entender a poesia falada enquanto perspectiva de vida comecei a pensar como as coisas teriam sido para mim se a escola tivesse feito essa ponte mais cedo e então surgiu uma vontade grande (quase uma necessidade mesmo) de levar meus versos para as escolas, abrir caminhos para essa possibilidade e aproximar a prática da escrita escolar com relatos da vida real, desabafos e histórias de cada aluno e aluna.

A resposta do aluno

Não chega à conclusão

Pois não se sente estimulado

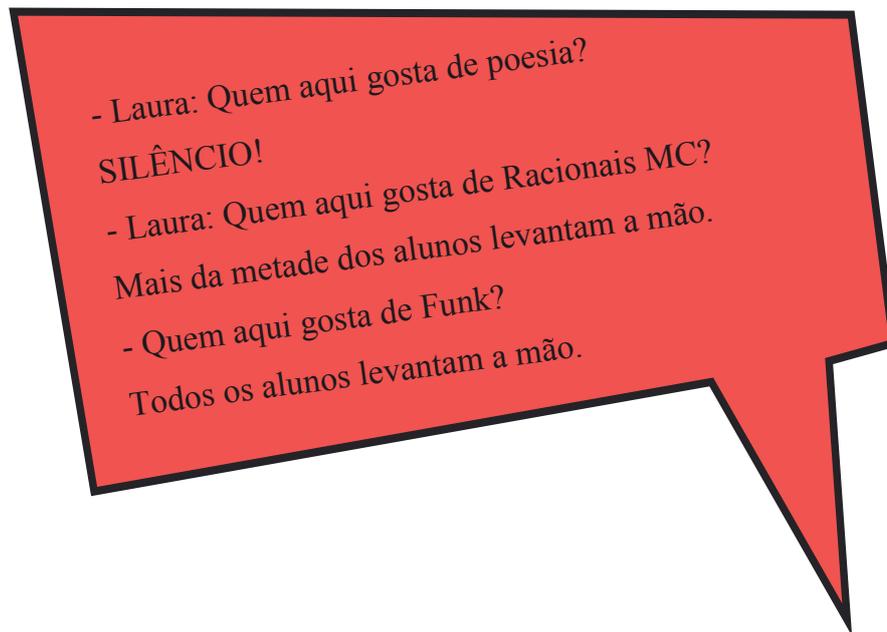
A fazer o simulado

E viver só de equação

É foda essa adequação

(LAURA CONCEIÇÃO 2021)

Em 2017 fui pela primeira vez em uma escola fazer poesia, a convite da Débora Renault, professora de história. Todos os alunos do ensino fundamental estavam em uma quadra de basquete me esperando, nesse dia tudo que fiz foi recitar minhas poesias e conversar com os jovens sobre literatura.



Pela primeira vez comecei a entender a potente relação que existe entre a vivência de cada jovem e seu interesse pelo conteúdo exposto em sala de aula. Os alunos e alunas daquela escola e de praticamente todas que o projeto visita, gostam de poesia sem saber. Os jovens afirmam não se interessar pela obra de Carlos Drummond de Andrade por não se verem representados ali. Diferente dos versos dos poetas de Slam que ao relatarem questões da realidade social atraem a atenção e o interesse dos estudantes através de uma ponte poderosa de identificação e acolhimento.

Elisa Lucinda: A gente não sabia como acessar, a gente tinha na nossa bagagem Drummond, Manoel Bandeira que aí vem toda aquela branquitude da nossa educação. Então eu levei algumas coisas que a gente tinha de Conceição Evaristo, minhas, de Solano Trindade, mas a gente só acessava com Mano Brown.

Mano Brown: Que ano era isso ?

Elisa Lucinda: Ah, isso agora, 2012, por aí. E muito incrível porque a gente chegava lá e eu perguntava ‘quem gosta de poesia?’ ninguém. ‘Quem gosta de RAP?’ eu eu eu!

Mano Brown: Eles gostam de poesia, se você pegar as poesias deles, mas eles não acham que é poesia. Não se sentem competentes pra falar que é poesia.

Elisa Lucinda: Mas não é só eles que acham.
A sociedade tem um preconceito com a poesia da periferia.

(Diálogo entre a poeta e atriz Elisa Lucinda e o também poeta Mano Brown no Podcast “Mano a Mano” – 1 de junho de 2023)

O CAMINHO ATÉ UMA ESCOLA

Habitualmente, as escolas chegam até o projeto e solicitam nossa visita através de mensagens, telefonemas e e-mail. Inicialmente éramos convidados por professores e professoras de Língua Portuguesa e/ou História para somar em suas disciplinas e contribuir na resolução de possíveis conflitos e questões recorrentes em suas turmas. Atualmente, entretanto, o projeto “Poesia na escola” atingiu um potencial interdisciplinar, uma vez que começamos a ser convidados também por professores de Artes, Geografia, Sociologia, Educação Física e etc. Acreditamos que esse fenômeno seja resultado do conteúdo que levamos até as escolas que abordam temas cotidianos que eventualmente aparecem não só em diversas disciplinas, mas também na vida em sociedade, dentro e fora da escola.

Depois de um primeiro contato com a direção e/ou professores da escola iniciamos uma conversa sobre as demandas dos alunos em específico. Muitas escolas nos procuram para que possamos falar sobre assuntos que estão de alguma forma interferindo no cotidiano escolar como violência, bullying, preconceito, pouco interesse na leitura... Naturalmente, temas já abordados por nós, poetas do Slam em nosso devir artístico.

Não entramos na escola com objetivo de resolver nenhuma questão, tampouco levar respostas ou soluções. Entramos no espaço escolar com o intuito de passar nossas vivências através da poesia e ouvir o que os alunos têm a dizer. Deixamos claro que nossa função ali não é lecionar e sim dialogar, conversar, trocar. Nesse ponto, a hierarquia fica de lado. Nossos corpos são também semelhantes aos corpos dos alunos e seus familiares, corpos políticos e minoritários, corpos marginalizados.

Geralmente os alunos e alunos ficam surpresos ao entender que o RAP e o Funk que escutam em seus celulares e nos bailes de suas ruas também se configuram poesia. Geralmente optamos por trabalhar a “escrita poética” através da oralidade. Em conversa com Mano Brown, Elisa Lucinda traz uma reflexão sobre o fazer poético que potencializa os caminhos da busca por formas de contar nossa própria história. “Literatura não é só quando ficou escrito. Literatura existe desde a primeira palavra que falaram. O que sai da boca pra mim é literatura. A grande revolução é esse atravessamento” afirma a poeta. (MANO A MANO, SPOTFY BRASIL, 2023)

- Pedro: Professora, você vai dar aula de boné? Meu irmão tem um boné igual ao seu também.

- Laura: Não vou dar aula. Viemos fazer poesia. Vamos cantar RAP. Você gosta?

- Pedro: Gosto, eu gosto do Orochi. Precisa levar caderno? Não quero escrever, não, professora.

- Laura: Não precisa levar caderno.

- Pedro: Faz uma rima na hora ai tia.

- Laura: Vamos fazer juntos.

- Pedro: Eu não sei rimar.

- Laura: Vai começar a aprender hoje.

- Pedro: Vai cair na prova isso?

- Laura: Não tem prova.

(Diálogo com Pedro, 13 anos aluno de uma Escola Estadual da zona norte de Juiz de Fora – MG – 18 de maio de 2023).

Depois de conversar com professores e também funcionários de uma escola reunimos a equipe de poetas formadores de acordo com a disponibilidade de cada um e agendamos um dia para a visita. A ideia é estar sempre em coletivo nas escolas para garantir maiores oportunidades de identificação com nossos corpos e ideias diversas. Cuidamos para que os jovens possam se ver em nossa imagem e em nossas histórias de vida.

É preciso democratizar a palavra

Dessacralizar a literatura

Sagrado não é quem escreve

Sagrado é quem lê.

(SÉRGIO VAZ, FLORES DA BATALHA 2023)

PODEMOS SONHAR NA ESCOLA

As chegadas às escolas são sempre empolgantes e curiosas. Olhares de atenção e dúvidas nos cercam junto a sorrisos e cochichos. Por muitas vezes, já ouvi murmurinhos sobre meus cabelos “Olha lá os dreads dela que irado”. Por vezes, pedimos para os professores para conduzirmos nossa própria apresentação, garantindo assim a oportunidade de nos apresentar da nossa maneira. Aqui ninguém sabe mais que ninguém. “O que vocês têm pra nos ensinar?”. Deixar que a arte conduza essa troca é o que nos faz arte educadores.

Depois da chegada, reunimos os alunos e alunas que participarão da atividade. Essas turmas são definidas pela escola. Muitas vezes é o ensino médio, outras o ensino fundamental, em alguns casos a escola toda. De acordo com a faixa etária dos alunos selecionamos as poesias e dinâmicas que usaremos para melhor desenvolvimento do encontro. A Educação para Jovens e Adultos não fica de fora e é um prazer trocar vivências com pessoas que não desistem do sonho da escola. Pra alguns, obrigação, pra outros, privilégio.

Sonhos. Primeiro assunto que abordamos na visita.

Laura: Qual seu sonho? Quer ser o que quando crescer? Quer fazer faculdade?

Você que está lendo esse texto ou ouvindo já pensou qual seu sonho? Às vezes até isso nos é negado. Uma vez, em uma escola uma aluna me perguntou: “Mas tia, a gente pode sonhar com isso?”. Sim! Nós podemos sonhar.

S O N H A R

É o que eu digo e faço, não supponho,
sou milionário do sonho
É o que eu digo e faço, não supponho,
sou milionário do sonho
É difícil para um menino brasileiro, s
em consideração da sociedade
Crescer um homem inteiro,
muito mais do que metade
Fico olhando as ruas, as vielas que ligam
meu futuro ao meu passado
E vejo bem como driblei o errado,
até fazer taxista crer
Que posso ser mais digno do que
um bandido branco e becado
Falo querendo entender, canto para espalhar
o saber e fazer você perceber
Que há sempre um mundo, apesar de já começado,
há sempre um mundo pra gente fazer
Um mundo não acabado
Um mundo filho nosso, com a nossa cara,
o mundo que eu disponho agora
foi criado por mim
Euzin, pobre curumim, rico, franzino e risonho,
sou milionário do sonho
Ali vem um policial que já me viu na tv
espalhar minha moral
Veio se arrepender
de ter me tratado mal
Chegou pra mim sem aquela cara de mau:
Fala, mano, abraça, mano
Irmãos da comunidade,
sonhadores e iguais, sei do que estou falando
Há um véu entre as classes,
entre as casas, entre os bancos
Há um véu, uma cortina, um espanto que,
para atravessar, só rasgando
Atravessando a parede, a invisível parede,
apareço no palácio, na tela,
na janela da celebridade,
mas minha palavra não sou só eu,
minha palavra é a cidade
Mundão redondo, capão redondo, coração redondo
na ciranda da solidariedade
A rua é noiz, cumpadi

Quem vê só um lado do mundo
só sabe uma parte da verdade
Inventando o que somos, minha mão no jogo eu ponho,
vivo do que componho, sou milionário do sonho
Vou tirar onda, peguei no rabo da palavra
e fui com ela,
peguei na cauda da estrela dela
A palavra abre portas,
cê tem noção?
É por isso que educação,
você sabe, é a palavra-chave
É como um homem nu todo vestido por dentro,
é como um soldado da paz armado de pensamentos,
é como uma saída, um portal, um instrumento
No tapete da palavra chego rápido,
falado, proferido na velocidade do vento,
escute meus argumentos
São palavras de ouro, mas são palavras de rua
Fique atento
Tendo um cabelo tão bom,
cheio de cacho em movimento,
cheio de armação, emaranhado,
crespura e bom comportamento,
grito bem alto, sim!
Qual foi o idiota que concluiu que meu cabelo é ruim?
qual foi o otário equivocando
que decidiu estar errado o meu cabelo enrolado?
ruim pra quê? ruim pra quem?
Infeliz do povo que não sabe de onde vem
Pequeno é o povo que não se ama,
o povo que tem na grandeza da mistura
o preto, o índio, o branco, a farra das culturas
Pobre do povo que, sem estrutura,
acaba crendo na loucura de ter que ser outro
para ser alguém
Não vem que não tem,
com a palavra eu bato, não apanho
Escuta essa, neném, sou milionário do sonho

O mundo ainda não está acostumado
a ver o reinado de quem
mora do outro lado da ilusão
A ilusão da felicidade t
em quatro carros por cabeça,
deixando o planeta sem capacidade
de respirar à vontade,
a ilusão de que é mais vantagem cada casa,
mais carro que filho,
cada filho menos filho que carro
Enquanto eu com meu faro
vou tirando onda,
vou na bike do meu verbo tirando sarro
Minha nave é a palavra,
é potente o meu veículo sem código de barra,
não tem etiqueta embora sua marca seja boa,
minha alma é de boa marca,
por isso não tem placa, tabuleta, inscrição
Meu cavalo pega geral,
é pegasus, é genial,
a palavra tem mil cavalos quando eu falo
Sou embaixador da rua, não esqueço os esquecidos
e eles se lembram de mim,
sentem a lágrima escorrer da minha voz,
escutam a música da minha alma,
sabem que o que quero pra mim
quero pra todo o universo,
é esse o papo do meu verso
Por isso eu digo e repito:
Quem quiser ser bom juiz deve aprender com o preto benedito
Mas fique esperto porque sonho é planejamento,
investimento, meta, tem que ter pensamento, estratégia, tática
Eu digo que sou sonhador, mas sonhador na prática
Tô ligado que a vida bate,
tô ligado quanto ela dói,
mas com a palavra me ergo e permaneço,
porque a rua é nóiz

Não são palavras de otário,
já te falei, escreve aí no seu diário:
Se eu sou dono do mundo,
é porque é do sonho que eu sou milionário!

(ELISA LUCINDA, EMICIDA MILIONÁRIO DO SONHO, 2013)

=

POESIA NA ESCOLA NUNCA É IGUAL

Me vi recordando visitas, assistindo registros e relendo anotações com intuito de descrever esse contato tão múltiplo com as escolas, seus alunos, alunas, professores e funcionários, no entanto esse processo, assim como todos os processos que permeiam essa pesquisa é libertador e assim livre de mecanizações. Não existe um protocolo ou uma regra, uma ordem de ações a seguir em cada escola repetidamente. Cada caso é um, único e transformador.

Me lembro de uma vez que um professor na faculdade, Gustavo Burla explicou em uma aula o fato extraordinário que faz com que cada sessão de teatro, mesmo que se tratando da mesma peça, mesmo texto e mesmos atores, sempre é única e diferente uma da outra. Ele trouxe a expressão latina “*Hic et nunc*”, que significa literalmente "aqui e agora". Ela faz parte do Existencialismo, uma doutrina da filosofia que tem ênfase na liberdade das pessoas, ao mesmo tempo em que ressalta a responsabilidade de cada um. Isso me fez entender que cada grupo de alunos do projeto, cada visita a cada escola seria única e diferente. *Slam* e Teatro dialogam o tempo todo, mas o poeta não é um ator, ali ele conta verdadeiramente a sua própria história. No *slam*, os poetas arrancam de si através de versos tudo aquilo que ameaça sua existência.

De acordo com a demanda de cada escola que entra em contato com nosso projeto desenvolvemos a atividade mais adequada dentre as possibilidades: Apresentação poética, oficina de poesia e Slam escolar (batalha de poesia entre os alunos).

A **apresentação poética** acontece no tempo de uma aula (50 minutos) e consiste em uma conversa poética com os alunos e alunas. Nesse encontro, nós poetas formadores contamos um pouco sobre a história de vida de cada um, sobre a história dos Slams e seus surgimentos no Brasil e então apresentamos nossas poesias. Essa apresentação acontece em praticamente todas as escolas que visitamos por ser ela base para realização do Slam ou/e das oficinas. Em alguns casos, o encontro se resume a esses 50 minutos, em outros, estendemos para outras atividades. Sempre seguindo a demanda da escola e do convite que recebemos. Na apresentação também trazemos a história do movimento Hip-Hop, seus elementos e a importância dos movimentos de rua na manutenção e expansão dos saberes de uma comunidade.

A **oficina de criação poética** acontece em dois encontros de 50 minutos, sendo o primeiro, uma apresentação e o segundo, a prática da escrita. Normalmente gostamos de quebrar o paradigma do caderno e caneta para escrever poesia e trabalhamos essa escrita de forma oral e coletiva. A poesia surge de uma conversa com toda a turma e então nós arte educadores vamos registrando as ideias no quadro e o texto vai nascendo de forma leve e descontraída.

- Laura: Hoje a gente vai confirmar que todo mundo pode e deve fazer poesia. Vamos falar sobre qual tema?

- Turma: Sobre o Hip-Hop.

- Laura: Massa! Quando falo em Hip Hop vocês pensam em quê?

- Turma: Dança!

- Turma: Batida

- Turma: Resistência

- Laura: Vamos organizar então?

- PretoVivo: Vamos construir as frases e as últimas palavras precisam rimar e fazer sentido será que a gente consegue?

- Turma: Sim!

- Laura: Com qual palavra nossa primeira linha pode terminar?

- Turma: Energia!

- Laura: O que rima com energia?

- Turma: Não sei. Alegria? Magia?

- PretoVivo: Vou anotar pra gente visualizar.

- Laura: O que podemos escrever entre essas palavras?

- Turma: Hip- Hop é daora. É energia

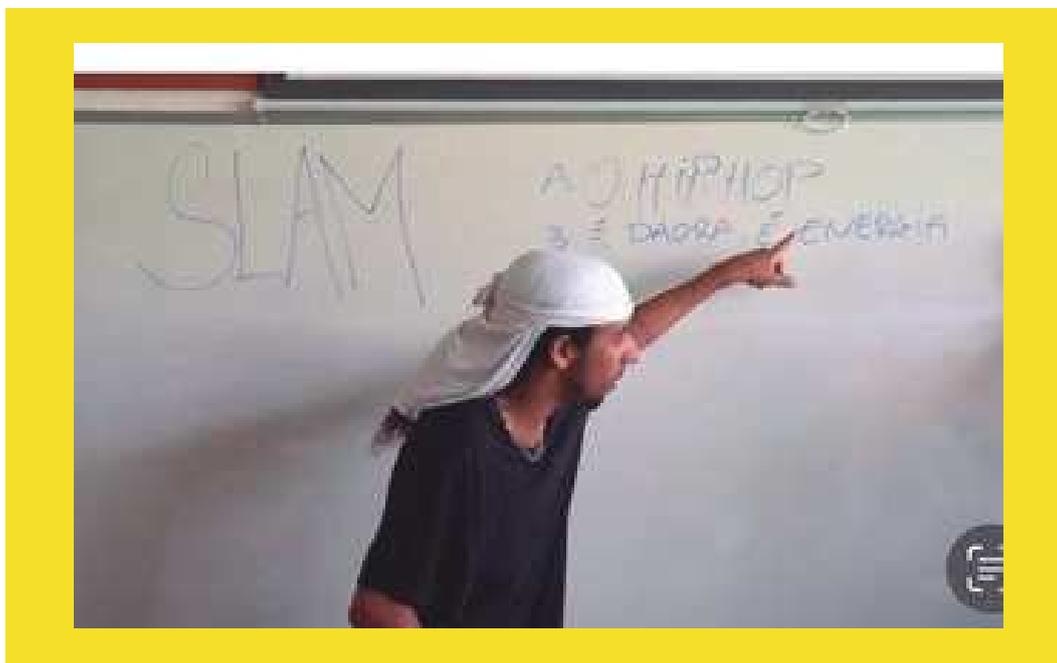
- Laura: E agora pra gente construir um sentido?

- Turma: Não sei, professora.

- Turma: Hip Hop é melhor que pop, né, PretoVivo?

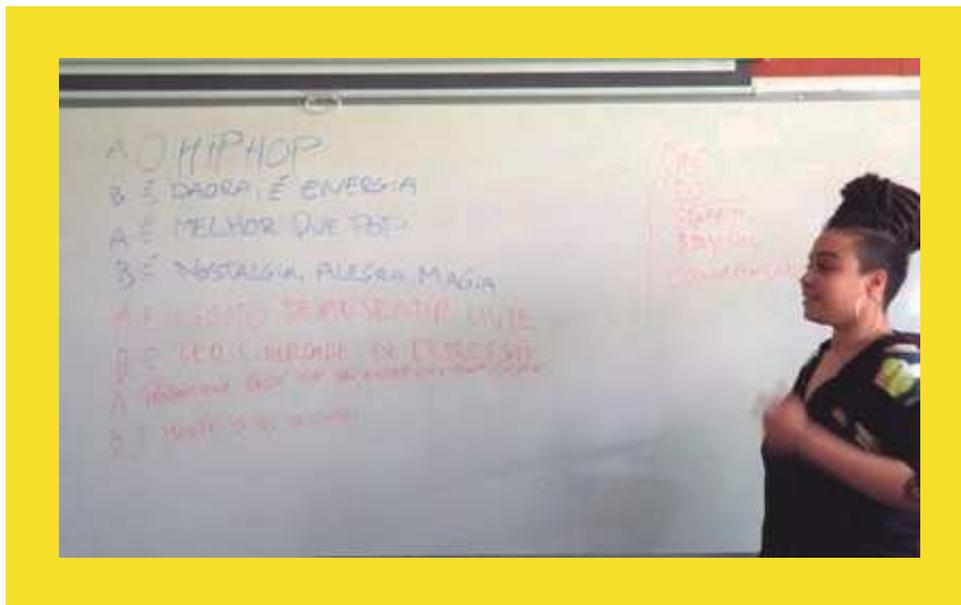
- PretoVivo: hahaha Vocês que estão dizendo, mas, oh, Pop também é poesia hein?

-



(PretoVivo anotando as sugestões dos alunos na oficina)

- Laura: Anota aí Preto.
- PretoVivo: Vamos anotando tudo.
- Laura: Existe certo e errado na poesia?
- Turma: Não existe, só não pode palavrão, né?
- Laura: Pode sim! O que precisa sempre existir é respeito.
- Turma: Tia, bota ai que eu gosto de me sentir livre.
- PretoVivo: O que vai rimar com livre?
- Turma: Passe vip? Pra gente ir pro baile!
- PretoVivo: Pode ser! E o que isso vai ter a ver com Hip- Hop?
- Turma: Tem a ver que a gente quer ter passe vip e andar em lugar chic mas com pé no chão, né. Sem esquecer da onde a gente vem, da nossa quebrada.



(Finalizando o primeiro verso da poesia coletiva, parte prática da oficina na escola)

“O Hip- Hop
 é daora é energia
 Melhor que Pop
 É nostalgia, alegria, magia
 Eu gosto de me sentir livre
 E ter liberdade de expressão
 Proporciona passe Vip
 Pra andar em lugar chic
 E manter os pés no chão”

(Resultado do primeiro verso da oficina)

Outra atividade que realizamos com os alunos na escola é o **Slam escolar** (batalha de poesia falada entre os alunos da escola). Nesse caso, os dois encontros de 50 minutos acontecem com um mês de intervalo, pois entre um e outro, contamos com os professores para estimular os estudantes a escreverem suas poesias e levarem no dia da batalha. Na primeira visita, fazemos a tradicional apresentação poética e plantamos a semente da escrita. Durante o mês, os alunos ganham espaços dentro das aulas para escreverem suas poesias e contarem suas histórias. Na segunda visita, aqueles e aquelas que se sentirem bem (nunca é algo imposto) podem se inscrever para batalhar e apresentar suas poesias no Slam escolar.

O dia da batalha é sempre um dia de muita troca. Estamos dispostos a ouvir os alunos. Nesse momento eles falam sobre suas histórias, suas alegrias, suas lutas, suas tristezas, suas famílias e até mesmo sobre sua escola. Nosso objetivo é proporcionar um ambiente seguro para tais manifestações e para isso conversamos com os colegas, professores e funcionários sobre respeito. Questões muito pessoais podem emergir desse processo e é quando precisamos estar prontos para acolher, aconselhar e incentivar os alunos.

É recorrente a aparição de temáticas minoritárias, resistência e amor nos textos. Na primeira visita que fazemos acreditamos ser importante incentivar a representatividade através de nossa própria imagem. Coisas como nossos corpos, nossos cabelos, nossas roupas passam também uma mensagem. Ver o PretoVivo se orgulhar de seu cabelo inspira e incentiva a prática do amor próprio em meninos e meninas pretes, entender que meu orgulho de minha orientação sexual fortalece o processo de autoconhecimento e assim por diante.

No slam escolar, as regras são parecidas com as que usamos nos slams pelo Brasil, no entanto, como um dos grandes objetivos é escutar o aluno e a aluna, normalmente não colocamos limite de tempo. Raros são os casos em que os estudantes passam os tão temidos 3 minutos. Fora isso, as regras são as mesmas. Cada escola tem seu Grito de Slam criado por nós todos, em conjunto.

O júri dos Slams escolares são formados por professores e funcionários das escolas. Para evitar panelas e injustiças preferimos que outros alunos não julguem as poesias dos colegas com notas. Todos são convidados a apoiar e incentivar os amigos com energia, gritos e reações positivas. Na hora da poesia, o silêncio precisa ser presente e os participantes, assim como em qualquer campeonato de poesia falada, podem ler seus textos ou trazê-los decorados.

ESCUTAR PARA ACOLHER

Que delícia é ouvir o que os jovens têm a dizer. Pode ser leve, pode ser forte. Pode ser um soco no estômago, pode ser triste. Pode ser animador, pode ser tranquilo ou pode ser intenso. Não podemos adivinhar. A única certeza que temos é a de que ouvi-los é sempre transformador.

Me lembro de um dia, após uma das visitas em uma escola ser convidada por uma professora para ir até a sala da coordenação conversar com uma aluna que estava precisando de auxílio. Essa aluna não havia participado do Slam, esteve o tempo todo quieta assistindo e se emocionando. Entre uma poesia e outra pude reparar que ela se sentia parte da atividade, porém não foi de sua vontade dividir alguma vivência com o grupo.

- Professora: Laura você poderia vir aqui um minuto conversar com a Júlia? Ela passou a semana toda animada em ter a presença de vocês na escola. Júlia é uma menina trans, tem acolhimento de alguns amigos e amigas, mas vem sofrendo com várias questões na escola.

- Laura: Como você acha que podemos ajudar?

- Professora: Acredito que seria bom pra ela ter contato com pessoas LGBTQIA+, apoiadoras da causa, que falam sobre isso abertamente e lutam por respeito e igualdade.

Naquele dia conversei com Júlia. Só eu e ela. O que ela passa, não posso nem imaginar, mas em alguns poucos pontos nós podemos compartilhar algumas vivências. Ela me disse que também escreve, mas não se sentiu bem para dividir. A jovem me falou que posteriormente me mandaria suas poesias e de fato mandou. Sugeri que Júlia procurasse minha amiga Dandara Felício, diretora da Astra (Associação de Travestis, Transgeneres e Transexuais de Juiz de Fora) onde seria acolhida e orientada. Encaminhamos também à mãe da jovem para uma conversa com outras amigas pertencentes ao coletivo “Mães pela Liberdade”.

Essa conversa era sobre poesia do início ao fim. Poetizar é Viver.

“

Meu nome é Rosângela Gonzaga estou coordenadora do coletivo ‘Mães pela Liberdade’ que é um coletivo mineiro que está em 39 cidades de Minas Gerais e eu queria falar um pouco sobre educação, do quanto esse lugar é importante para a população LGBTQIAPN+ e o quanto esse lugar as vezes não é inclusivo. Era necessário trabalhar com os educadores um acolhimento para as pessoas LGBTs e respeito. A escola deveria ser ponte entre a educação e a família e as vezes o aluno não tem amparo em casa e também não tem amparo na escola porque a escola muitas vezes se torna um lugar hostil e então a maioria deles para de estudar e sai da escola. As festas não deveriam ser dia dos pais, dia das mãe e sim festas mais inclusivas.

Muitas vezes o ambiente escolar é hostil para essa população. As pessoas são privadas de usar o banheiro, as pessoas não tem o nome social respeitado, a família não é incluída, quando tem festa junina não podem dançar, pois não podem se vestir de menino ou menina etc..

Já passou da hora da escola se tornar um espaço inclusivo. Essas temáticas precisam ser abordadas nas reuniões de pais e eventos. Quanto mais tratarmos essas questões com naturalidade mais a família dos alunos terá facilidade com a aceitação.

Se os educadores têm uma formação aliada à diversidade e à inclusão, pros pais também se torna mais fácil lidar com isso. São muitas barreiras, assim que o menino fala que é LGBT já começa a ter problema na escola e a mãe que já está trabalhando o dia inteiro e ainda tem que ir na escola porque o filho apanhou, porque o filho bateu... Mas por que isso aconteceu? Porque ele está sofrendo Bullying devido a sua orientação sexual. A escola deve ser ponte mas muitas vezes é muro. A educação precisa ser libertadora, mas libertadora de verdade ao ponto de ser inclusiva e respeitar as pessoas. (ROSÂNGELA GONZAGA , entrevista concedida à Laura Conceição, 2023).

A escola deve ser ponte, mas muitas vezes é muro.

Durante essa escrita me recordei de ter lido um artigo do Professor Anderson Ferrari sobre uma carta que uma aluna escreve para sua professora de ciências discorrendo sobre sua orientação sexual e situações bastante pessoais que envolvem essa questão. Os textos que muitas vezes surgem das oficinas de poesia se assemelham à escrita da aluna e em muitos casos os alunos preferem ler somente para nós ou enviar ao invés de compartilhar com toda a turma, justamente por conter questões pessoais e vivências. No artigo, Anderson traz questionamentos como: Que sociedade temos hoje e que escolas e professores estão possibilitando esse tipo de relação entre alunos, sexualidades e escolas?

O texto traz uma reflexão sobre a “impossibilidade de falar de homossexualidade no singular, ressaltando a necessidade de pensar, olhar e lidar com as homossexualidades sempre no plural, de forma que não é possível pensar num tipo de homossexual típico, mas numa multiplicidade de homossexualidades, problematizando e afetando a maneira das escolas lidarem com as homossexualidades.” (FERRARI, ANDERSON, 2014. p.5).

O slam, a escrita, a expressão, o grito chegam para romper o silêncio. Como trazem as críticas dos alunos em suas poesias, a fala da Rosângela e o artigo do Anderson, a escola deve ser ponte acolhedora, espaço seguro e saudável para ser e crescer.

Romper o silêncio é envolver a escola buscando outro caminho que não seja esse de legitimar o que “já sabe”. Em última análise, podemos pensar que é uma solicitação atual de uma “nova” escola, como aquela em que se pode tentar saber como e em que medida é possível pensar e ser diferente do que se é. (Ferrari, Anderson, 2014, p. 15)

FALA QUE EU TE ESCUTO

Pensei muito sobre esse momento da escrita. Fiquei em dúvida se trazia alguns textos desenvolvidos pelos alunos nas escolas ou se apenas citava eles e suas abordagens. Como resolver? Perguntei a eles. No dia em que fizemos um Slam na escola, essa situada na zona Norte de Juiz de Fora – MG conversei sobre minha pesquisa com eles. Conteí sobre a universidade e sobre como é importante que estejamos nesse espaço. Na mesma hora uma aluna levantou a mão e disse:

- Semana que vem vamos visitar a UFJF, aí. Você vai estar lá?

- Pode usar Dread e estudar lá, fessora?

- Toma. Esse é meu texto. Se quiser pode colocar ele no seu trabalho. Escrevi com amor. Não sei se sei escrever bem mas eu gostei.

Depois desse movimento praticamente todos os alunos que escreveram me deram seus textos de presente. A professora ficou surpresa até mesmo deles se sentirem à vontade de falar pra turma. Prometi que depois que a dissertação estivesse pronta voltaria pra mostrar pra eles, por isso também a vontade de montar um vídeo e um podcast. Estou ansiosa por esse momento.

É muito comum ouvir questionamento dos estudantes sobre a possibilidade de cantarem músicas no Slam, louvores de suas igrejas e etc. Para atender a essa demanda criamos um momento que antecede a batalha para que esses pedidos tão recorrentes sejam atendidos. Estamos ali para acolher, respeitar e incluir.

Os textos que trarei aqui foram feitos por alunos e alunas de 13 anos de idade. Essas poesias foram recitadas por eles na batalha poética da escola. Através da escrita podemos entender a realidade dos poetas, suas vontades, seus questionamentos, suas queixas e suas prioridades. Por meio disso, fazemos uma escuta ativa dos alunos. A arte e a literatura se tornam ferramentas de diálogo, expressão e comunicação.

_ / _ / _

Poésias da Yôta

S [

Paz nunca tive nem com meus pais

Afinal o que que é paz?

Eu só ando "chei" de ódio, como que faz?

Nada me traz "paz"

Afinal que que é paz?

Pra falar a verdade ninguém sabe o que é "paz"

“Paz nunca tive nem com meus pais
 Afinal o que é paz?
 Eu só ando ‘chei’ de ódio, como que faz?
 Nada me traz paz
 Afinal o que é paz?
 Pra falar a verdade ninguém sabe o que
 é paz”

Resistir é insistir ir a lutar e persistir A
 Resistir é insistir ter foco e responsabilidade B
 força, foco resistir é um dia poder sorrir C
 maturidade e uma atitude sem idade B

**“Resistir é insistir ir a luta e persistir
 Resistir é insistir ter foco e responsabilidade
 Força, foco resistir é um dia poder sorrir
 Maturidade e uma atitude sem idade”**

A violência na vida de um traficante pode ser tudo
 mas não sabe o que importa é o futuro
 na vida de um poeta é poesia
 vai pra luta e pra batalha todo dia
 enfrenta ônibus lotado
 no trabalho chega atrasado mas poderia
 estar adiantado esse é meu papo
 se não gosta se liga no improvisado
 esse é o fato!

**“ A violência na vida de um traficante pode
 ser tudo
 Mas não sabem que o que importa é o futuro
 Na vida de um poeta é a poesia
 Vai pra luta e pra batalha todo dia
 Enfrenta ônibus lotado
 No trabalho chega atrasado mas poderia estar
 adiantado
 Esse é meu papo
 Se não gosta se liga no improvisado
 Esse é o fato”**

Começando eu conto um verso
 bem bonito, o que eu acho de bom
 é o aprendizado além de animar,
 deixa tudo bem divertido.
 Eu gosto bastante da arte, o que
 completa tudo é a criatividade.
 Eu gostei de tudo porque foi muito
 legal do jeito que ela rimou foi
 sensacional, eu gostei do cara
 porque ele contou da vida mais
 O principal desse canto foi a
 Poesia. Eu adoro as aulas de história
 O que me deixa animado é quando
 ela fala da vitória.

Eu gosto do Hip Hop é interessante
 eu gostei da rima porque foi radiante.

“Começando eu conto um verso
 Bem bonito, o que eu acho de bom
 É o aprendizado
 Além de animar, deixa tudo bem divertido
 Eu gosto bastante da arte
 O que completa tudo é a criatividade
 Eu gostei de tudo
 Porque foi muito legal
 O jeito que ela rimou foi sensacional
 Eu gostei do cara porque ele contou da vida
 Mas o principal dessa canto foi a poesia
 Eu adoro as aulas de história
 O que me deixa animado é quando
 Ela fala de vitória
 Eu gosto de Hip-Hop é interessante
 Eu gostei da rima porque foi radiante”

Os poemas acima foram desenvolvidos por alunos e alunas e declamados por eles. O último poema foi me dado de presente como feedback de nossa ida. O “Cara” ao qual o jovem poeta se refere é PretoVivo que estava comigo durante essa visita. Muitos textos nascem para serem recitados no dia da batalha, porém durante a atividade os alunos e alunas também se sentem inspirados a escrever novas poesias.

A seguir alguns versos criados por alunos e alunas durante atividade de escrita.

“ Eu sou uma peça de um quebra cabeça
 Mas sou de um tabuleiro diferente
 Somos todos iguais
 Mas não agimos como gente
 Tudo era tão tranquilo naquele
 Tempo de criança
 Eu era feliz e tinha tanta esperança
 Mas na real tudo acabou”

“Você não sabe
 Ser negro não é fácil não
 Te julgam até pela cor do cabelo cacheado
 Acabam deixando marcas
 Mas o importante é que o coração
 Continua lutando então”

“Tenho que cuidar dos irmãos
 Demonstrar amor
 Mas que amor?
 O que meu pai não demonstrou?
 Ou o que ele nem tentou?
 Mas aos 14 anos encontrei amigos como irmãos
 Me ajudando a sorrir
 Em meio à escuridão
 Jogo fora a solidão
 Minha família e meus manos moram no meu
 coração”

“Vivo na sociedade
 Sendo julgada e até humilhada
 Vivemos na luta para por o pão em casa
 Ainda pegando o ônibus lotado
 Para no fim ainda ser assediada
 Por um cara que não vale nada
 Ele não deve nem respeitar a mãe
 Que tem em casa
 Porque tenho que ser delicada?
 Não quero flores nem declarações de amor
 Quero respeito acompanhado de atitude
 Queremos ser livres e andar sem medo pelas ruas
 Sem ouvir “é puta” só por estar de roupa curta
 Queremos não ter medo de ser assediadas ou estupradas”

“ Independente da ocasião mantenha sua fé
 Não somente a fé na religião
 Mas mantendo a fé no seu foco
 Muitos nessa vida vão querer te ver no chão
 Mas quebro a cara deles
 Estando no pódio
 Eu posso
 Eu sei
 Que eu consigo vencer
 Toda luta que tive não será em vão
 Esses invejosos não vao me fuder
 Toda luta que tive não será em vão
 E não vai ser na droga que eu vou me perder”

Durante esse processo colecionamos mensagens que os alunos e alunas nos mandam em nossas redes depois das atividades. Esse espaço se torna extensão de todo o processo. Muitos mandam poesias e textos que criam, músicas e expressões artísticas que surgem depois de nossa passagem pelas escolas.



VIDA LOKA É QUEM ESTUDA



Foto retirada das redes sociais do Poeta Sérgio Vaz

Esses dias tinha um moleque na quebrada com uma arma de quase 400 páginas na mão.
 Um as minas cheirando prosa, uns acendendo poesia.
 Um cara sem nike no pé indo para o trampo com o zóio vermelho de tanto ler no ônibus.
 Uns tiozinho e umas tiazinha no sarau enchendo a cara de poemas. Depois saíram vomitando versos na calçada.
 O tráfico de informação não para, uns estão saindo algemado aos diplomas depois de experimentarem umas pilulas de sabedoria. As famílias, coniventes, estão em êxtase.
 Esses vidas mansas estão esvaziando as cadeias e desempregando os Datenas.
 A Vida não é mesmo loka?

Sergio Vaz

Consigo pensar que esses livros nas mãos de cada um transmutam o imaginário do preconceito e ampliam horizontes para diversas possibilidades potentes e dignas. A juventude precisa ser vista, ouvida e respeitada.

Penso também nas discussões que surgem em relação ao dialeto, às gírias e aos “palavrões” que existem nas poesias do *Slam*, muitos “sabichões” criticam a linguagem usada nas poesias, quando essa é espelho do cotidiano, de nossa gente, nossa cultura, nossas vidas.

Uma vez eu estava em uma Praça no Rio de Janeiro, zona sul. Acontecia ali um sarau de poesia e então eu me inscrevi para recitar um texto autoral. Quando finalizei meu texto, um homem branco (um desses “sabichões” que comentei acima) me puxou pelo braço e comentou:

- Estou organizando mais um sarau aqui no Rio de Janeiro, mas a gente precisa de pessoas que fazem poesia de verdade, no caso seria apenas para poetas que são poetas mesmo.

Fiquei sem ar. O que é ser poeta de verdade? Fazer um texto rebuscado, apolítico e inacessível para grande parte das pessoas?

Poesia?

Que poesia é essa?

Apontar um livro na cara de um “sabichão” branco, heterossexual, acadêmico e preconceituoso, sinto isso com essa imagem. Apontar um livro na cara do sistema. Nós somos também o povo brasileiro, é poesia também nossa escrita. Dizia um poeta amigo meu “Bicicleta não é erro de português, erro de Português foi a colonização” (Poeta 4 ó. Taquara, Rio de Janeiro, 2017.) Tem cultura na favela!

É engraçado como eles gozam a gente quando a gente diz que é Framengo. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse r no lugar do l, nada mais é que a marca linguística de um idioma africano, no qual o l inexistente. Afinal, quem que é o ignorante? Ao mesmo tempo, acham o maior barato a fala dita brasileira, que corta os erres dos infinitivos verbais, que condensa você em cê, o está em tá e por aí fora. Não sacam que tão falando pretuguês. (GONZALES, 1984, p.16)

Comentei algumas vezes nas aulas sobre minha insegurança com o “espaço acadêmico”, meu objetivo estando aqui é transcender esse pensamento de que para estar aqui eu não posso ser quem sou. Acredito desde nova vendo a luta de meus pais enquanto professores, que sou e serei o tipo de pesquisadora que pesquisa junto com o movimento cultural, fazendo parte e não apenas observando. Mão na massa pra ser exemplo e fazer a ponte entre a rua e a academia, liberar o fluxo para que um dia todos possam verdadeiramente atravessar a ponte. Por enquanto tudo ainda é bem diferente da ponte pra cá. “Um olho no abismo, o outro no asfalto, a poesia é ponte pra outro lado” (Froid: No mundo da Lua). No país onde a juventude preta é assassinada e privada de oportunidades e de uma vida digna “Vida loka é quem estuda” (Poeta Sérgio Vaz).

POESIA É O QUE A GENTE VIVE

Nosso objetivo com o projeto “Poesia na escola” é conectar os jovens com suas realidades, sua comunidade, sua ancestralidade e principalmente, com sua própria personalidade.

“Esses projetos são aqueles capazes de produzir subjetividades rebeldes e inconformistas e que conseguem questionar a produção de subjetividades conformistas que imperam nos currículos das universidades e da educação básica.”(GOMES, 2019,p. 62)

Quem é você?

O que você gosta de fazer?

O que você acha que precisa melhorar no mundo em que você vive?

Qual o seu sonho?

Quem você ama?

Depois de nos apresentarmos e conhecermos um pouco mais cada jovem é hora de contar um pouco sobre o *Slam*. Nesse momento é costume exibir alguns vídeos de batalhas de poesia e trechos de depoimentos de poetas parceiros. Quando todos já tiveram um primeiro contato com o movimento, iniciamos nossas intervenções poéticas presencialmente. Essa dinâmica é alterada de acordo com a idade dos jovens, o número de jovens e outros tantos fatores.



Poesia em uma Escola Estadual de Juiz de Fora

As figuras mostram uma intervenção poética na Escola. Nesse momento eu recitava poesias autorais e escutava a pergunta de um dos estudantes sobre qual seria, em minha opinião, a melhor forma de começar a escrever poesia. Respondi: busque a sua verdade, fale sobre o que você vive.

NÃO É BESTEIRA O MICROFONE
 EU RIMEI PRA QUE TU VISSE
 APRENDI VOAR CANTANDO
 APRENDI RIMAR RIMANDO
 SOU MEU POVO, MINHA GENTE
 VIVO O QUE ESTOU FALANDO

(LAURA CONCEIÇÃO, POESIA LÍQUIDA, 2019)

Nesse dia, estive na escola com a vereadora de Juiz de Fora em cargo no momento dessa escrita, Laiz Perrut. A proposta era falar sobre o movimento feminista e a busca das mulheres por igualdade de direito, além da intervenção poética.

As intervenções são livres, os arte educadores não devem ser censurados e todos os participantes podem ter a palavra a qualquer hora, desde de que de forma a respeitar a existência de todos os envolvidos. Nenhum aluno é obrigado a participar, sendo que eles mesmos podem optar entre assistir as atividades apenas como ouvintes e participar ativamente, contando suas próprias vivências através da poesia.

Paulo Freire (1997) nos traz a importância da autonomia no processo educacional e da prática educativo-crítica. Partindo do ponto de que não há docência sem discência, quem ensina também aprende e quem aprende pode ensinar. Deixaremos de lado então qualquer estratificação que uma possível relação hierárquica entre professor e aluno possa causar. “O educador democrático não pode negar-se ao dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão...” (FREIRE, 1997, p. 28).

A ESCOLA ESCUTA O ALUNO? A ESCOLA ESCUTA O ALUNO?

QUANDO A ESCOLA ESCUTA O ALUNO. A ESCOLA ENTENDE O ALUNO? QUANDO A ESCOLA ESCUTA O ALUNO. A ESCOLA ENTENDE O ALUNO? QUANDO A ESCOLA ESCUTA O ALUNO. A ESCOLA ENTENDE O ALUNO? QUANDO A ESCOLA ESCUTA O ALUNO. A ESCOLA ENTENDE O ALUNO?

QUEM PODE DIZER SE A ESCOLA ESCUTA O ALUNO? A ESCOLA OU O ALUNO? O PROFESSOR OU O ALUNO? OS FUNCIONÁRIOS OU O ALUNO? QUEM PODE DIZER SE A ESCOLA ESCUTA O ALUNO? A ESCOLA OU O ALUNO? O PROFESSOR OU O ALUNO? OS FUNCIONÁRIOS OU O ALUNO? QUEM PODE DIZER SE A ESCOLA ESCUTA O ALUNO? A ESCOLA OU O ALUNO? O PROFESSOR OU O ALUNO? OS FUNCIONÁRIOS OU O ALUNO?

Es cola é por isso
 Historia sem ofício
 Oficina sem serviço
 Rápido demais
 Quer andar e deixa pra trás
 Reclama do atraso
 Ritmo ditado
 Ditado no ritmo da ditadura
 São ditados de tortura...
 DEVAGAR ESCOLA!
 É por isso que es cola
 Senão não sai da escola
 Escora lá fora
 Espera acabar a prova
 A prova de bala
 Depois volta pra sala
 Estuda moleque
 Se não quiser ir pra vala
 Mas a matemática é uma má temática
 Deixa as criança estática
 Sem utilidade na pratica
 E sem contar a gramática
 Que mais parece uma sátira...
 DEVAGAR ESCOLA!
 Senão es cola
 E cê não pode reclamar
 Cê faz eles de otário
 Eles seguem o seu ritmo
 e tinha que ser o contrario
 CE é lugar de formação
 Informação
 E que formas são
 Que cê usa pra fazer??
 Com métodos arcaicos,
 De colorir mosaicos
 Que nunca vão convencer?
 E o que eles querem aprender,
 Cê ta pronta pra falar?
 Ou quer seguir no conteúdo
 Vai não para nos estudo
 Quadro cheio copia tudo...

DEVAGAR ESCOLA!!!

DEVAGAR ESCOLA!
 Es cola
 E cê esfolo a mente da galera
 Controle social
 Fecha a mente de geral
 Educação de verdade
 Oferece liberdade
 Ajuda a comunidade
 Ajuda na cidadania
 Na luta de cada dia
 Olha os moleque e alivia...
 DEVAGAR ESCOLA!
 É por isso que es cola
 Comunidade a sua volta
 Vê se não ignora
 Ensina sobre a história
 Incentivando a luta de agora.
 Essas mente que não explode
 Escola vê se não fode
 Desse jeito não pode
 Os moleque pede: ACODE!
 Alguma coisa que atraia,
 Que nos chame a atenção,
 E que nos livre da vaia
 Do show da vida meu irmão
 E não nos deixe que caia
 Em qualquer boteco de esquina
 Alimente a esperança
 E o desejo de mudança
 No coração das criança
 Muita comida na pança
 Preciso de confiança
 Escola vê se avança
 Mas DEVAGAR ESCOLA!

DEVAGAR ESCOLA!
 Que aí es num cola!
 E a cola vai virar uma ex-cola!
 Vai ficar de enfeite,
 Só um mero lembrete.
 Os moleque tem sede,
 De saber,
 Descobrir,
 Conhecer,
 De sorrir,
 Envolver,
 Intervir,
 Interver,
 Saber ir,
 Saber vir,
 Saber ler,
 E saber

Que pode contar com você, mas....devagar!
 ESCOLA!

Lidiane Viana (2018) aponta alguns motivos pelos quais o *Slam* se torna uma fonte de motivação para os alunos e alunas.

- É assumido pelos jovens como fonte de cultura e lazer;
- É a expressão poética de maior visibilidade entre a juventude urbana junto ao HIP-HOP;
- É um movimento que transmite informação, emoção e significado;
- Possui linguagem acessível e estimula a expressão.

Ainda de acordo com Lidiane Viana (2018), a percepção da insatisfação de alunos com a escola pública e com sistema tradicional de ensino nos faz pensar em alternativas para fornecer ao estudante o sentimento de pertencimento dentro do espaço da escola e qualquer espaço de aprendizado e a necessidade de repensar, questionar, subverter e inovar o ensino formal de modo a diminuir o índice de evasão escolar. Dificilmente o aluno terá desejo de sair de um espaço onde se sente acolhido.

Existe a expectativa de que o *slam* seja capaz de suprir a falta de espaços para articulação dos estudantes assim como a sua falta de voz na comunidade escolar. Nesse sentido, como propõe Gregory (2013), o *slam* se torna um espaço valioso para grupos que são normalmente silenciados, sendo nesse caso, os próprios estudantes. (SILVA, 2020, p. 75).

É necessário despertar o olhar dos educadores para essa manifestação artística, cultural e de resistência para as querências de seus alunos. Façamos com que todas as vozes sejam ouvidas, todas as causas sejam compreendidas e as lutas difundidas. A importância de escrever sobre casos em que a educação não formal e saberes da rua ganham espaço dentro das oficinas e das escolas públicas e levar expressões dos alunos e sua cultura para dentro das universidades. Essa é uma das formas de ocupar ambientes que por tempo foram negados a pessoas marginalizadas como o lugar da expressão, da escola e da universidade. É potente levar tais discussões sociais para a academia, unindo teoria e prática e buscando uma educação transformadora. Fundamental para a consolidação da educação social é levá-la adiante através de movimentos sociais, escolas e universidades.



UNIVERSIDADE PÚBLICA

Sala de aula é lugar de transformação
não é formar mão de obra
é formar opinião
cidadãos críticos transformando sentimento em ação
repensando e remoldando a nossa educação

a universidade pública
é um universo público
para todo o público
que quiser desfrutar

mas a cada metro cúbico
tem um problema cíclico
com interesse único
e nós temos que lutar

pelo direito de estudar
o acesso à cultura
contra isso de censura
pq a essa altura até professor eles querem censurar

incentivam os alunos a filmarem escondido
qualquer fala sem contexto que pode ser mal entendido

querem taxar de bandido
a base desse país
é tipo entrar em campo
contra o time do juiz

ai cês diz
quem não é bandido não precisa ter medo
cê quer mudar isso?
então vai reclamar com o governo

reclamar com o governo???
reclamar com o governo?

quando preciso o governo ta ocupado pra gente
tenho que abaixar a cabeça pra engravatado e tenente
isso não é de repente
cês só perceberam agora?
segregação ta presente desde o início da história

bem, da história deles, né
pq a nossa história não começa bem de onde eles dizem
eles começam da colonização
pra esconder nossas origens

pra esconder da sociedade
que essa terra é racializada
que é população foi estuprada, por isso miscigenada
não é o sangue dos nativos que poluem nossas águas
foi a industria mal pensada que faz toda essa burrada

Mataram o cacique porra
Mataram nossos parentes
Os donos dessa terra toda
E eu sou descendentes

Eu sou só da 3^o geração de preto não escravizada
E a 2^o que a família não ta aldeada
meus parentes aldeados eu não sei se ainda estão vivos
Eu nem sei da minha história, eles queimaram os nossos livros

é, presidente, livro
aquilo que você conhece como
"um montão de amontoado de muita coisa escrita", manja?
se bem que cê só deve ler livro infantil né? tipo
"diário de um... laranja"?

eles investem em guerras
cortam verba da escola
demonizam os livros
e romantizam pistola

a educação do brasileiro tem que sair desse vício
o brasileiro tem que sair desse vício e a
cada dia, é uma releitura de Gonçalves Dias
em cima disso.

minha terra tem quebrada e a menozada quer estudar
se o governo não tá lá o tráfico vai recrutar
muito cedo uns viram estrelas
poucos viram jogadores
outros sao assassinados
e as famílias sente as dores

o ensino público de qualidade é o temor dos senhores
por saber que
da quebrada saí doutores artistas e professores
pensadores educadores
que antes de se sentirem reis
plow
coroa de flores

e ainda tenho que ouvir dos senhores
que faculdade é balburdia
que a comunidade é suja
que só quem não quer não muda

o ensino de qualidade é apenas uma muda
que se regada regrada, se torna muito maior
mas a muda ta na sombra
o madeiro assombra
se cair no esquecimento
nossos frutos viram pó

eles aproveitam que tem tanta diversidade na Amazônia
Vendem ela a preço de banana

Dia 7 de setembro batem continência
pra bandeira"" americana""
não incentivam mentes pensantes
e a fulga de cérebro se explana

e só pra deixar marcado

eu não te chamo de doutor se cê não tiver doutorado
lá na UFJF de doutor nós ta regado
tamo a 60 anos reforçando esse legado
que um ensino gratuito pode ser o mais mandado

esses cara tão mandado
nóis não tem medo de careta nós somos tudo estudado
nóis num é de arrumar treta

a arma que me atacam
é fuzil e escopeta
e eu contra ataco
com meus livros e canetas.

(POETA PRETO VIVO.
POESIA VENCEDORA DO CONCURSO
DE SLAM DA UFJF, 2020.)



OCUPAR A ESCOLA



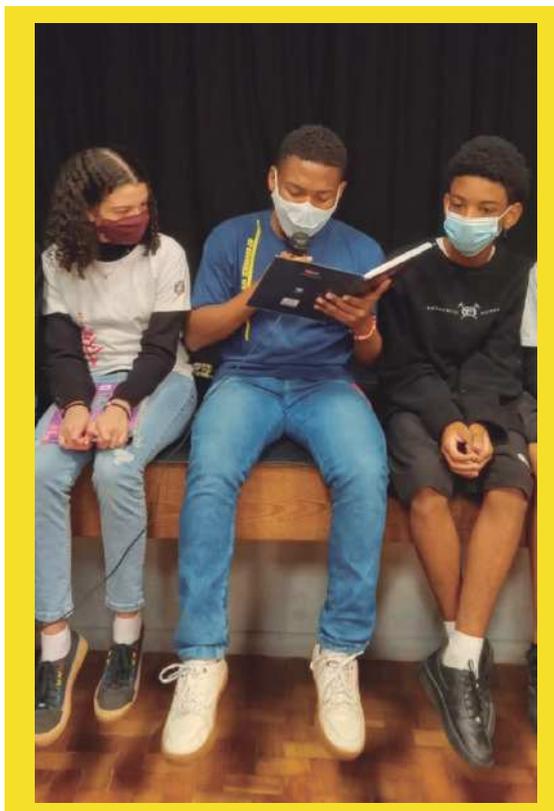
(Atividade poética com o nono ano do ensino fundamental do colégio de aplicação da Universidade Federal de Juiz de Fora – MG, 2022. Arquivo da pesquisadora.)

O projeto “Poesia na Escola” é sempre acolhido no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Em 2017, essa foi uma das primeiras escolas em que estive com a poesia e através dela. O *Slam* faz parte das atividades literárias anuais da escola e através da poesia conseguimos escutar os alunos.

Próximo à data de nossa primeira visita ao colégio, em 2017 os alunos declaravam ocupação da escola. No final de 2016, organizados em cinco frentes (infraestrutura, higiene, segurança, comunicação e alimentação) os estudantes lutavam contra o Projeto Escola sem Partido, arrocho salarial dos servidores, PEC 241 (conhecida como PEC da Morte que congelou investimentos públicos por 20 anos) e também contra o congelamento de investimentos na educação.

Movidos pelos acontecimentos da ocupação histórica e pela luta por garantias de direitos, os alunos sugeriram que esse movimento desse nome ao *Slam* que estaria prestes a acontecer. A partir desse dia, as batalhas de poesia que acontecem no colégio, praticamente todos os anos, carrega no grito a lembrança da Ocupação de 2016.

Laura: OCUPA JOÃO RENASCE OUTRA VEZ!
Alunos e Funcionários: SLAM XXIII!!



(Alunos lendo suas poesias para turma, 2022. Arquivo da pesquisadora.)

Em Junho de 2022 estivemos mais uma vez na escola, realizando um *Slam* com os alunos e alunas do nono ano do ensino fundamental. A proposta foi falar um pouco sobre a origem do movimento, mostrar alguns poetas, recitar algumas poesias dos formadores e então incentiva-los a escrever seus próprios versos contando suas histórias e sentimentos. Para engatilhar a escrita, que dessa vez foi coletiva, distribuimos algumas palavras que os alunos poderiam usar nos textos caso precisassem de algum direcionamento. Palavras:

- Amizade
- Amor
- Respeito
- Preconceito
- Racismo
- Luta

Convidamos os alunos a falarem seus textos para a turma. Esse momento do encontro, a nosso ver, nunca pode ser uma obrigação, é preciso que o jovem esteja a vontade para falar sua poesia, principalmente por essa guardar sua vivência e muitas vezes sua intimidade. Aqueles e aquelas que se sentem a vontade recitam seus versos.

A amizade envolve solidariedade
 Quem finge ser amigo é inimigo
 O futuro é obscuro
 Sem alguém para te fazer bem
 A amizade mata, o futuro também
 Quando algo não é verdadeiro
 As consequências vem primeiro

(Trecho de poesia sobre amizade Turma A Nono
 ano João XXIII)

Nesses espaços de fala, os alunos e alunas expõem os sentimentos que resultam de algum tipo de opressão que sofrem, seja na escola ou fora dela. Nesse dia, algumas meninas colocaram em seus textos questões sobre ser mulher na escola, a importância de amar o próprio cabelo e de respeitar o outro da maneira como ele ou ela é.

POETAS FORMADORES

Me recordo como se fosse hoje o semblante do menino franzino olhando com olhar profundo em minha direção. Concentrado e atento, acompanhava cada verso que eu pronunciava e reagia a todos eles com expressão de encantamento. Ali se ramificavam as sementes.

Esse menino é PretoVivo, hoje com 22 anos, poeta formador do projeto “Poesia na escola”. Essa lembrança é da primeira vez em que estive na escola dele. Nesse dia ele demonstrou um interesse pela poesia falada e conversamos sobre isso ser uma profissão. Hoje tenho um amigo e colega de profissão.



(Poetas formadores, 2022. Preto vivo, Igor Braz, Laura Conceição)

Além do PretoVivo e do Igor Braz, o projeto hoje conta com alguns poetas formadores, que são aqueles que rotativamente se revezam para fazer as visitas nas escolas. Às vezes a gente ganha o dinheiro da passagem, às vezes as professoras pagam o Uber pra gente chegar até as escolas, por outras vezes, vamos de carona. Já fomos a pé e de bicicleta, o importante é chegar.

- Laura: Fala sério, cara, assim pra você qual a importância do projeto?

- Igor Braz: O projeto me inspirou e hoje eu estou aqui, com 22 anos com você ainda apresentando minha poesia nessas escolas maravilhosas.

Depois dessa conversa nós participamos da merenda, pela segunda vez no dia pois era nossa segunda escola da noite. O clima de amizade entre todos os poetas formadores é inspirador e leve. Isso faz total diferença. Durante o decorrer da pesquisa mais poetas formadores passarão por aqui.

Se eu for rezar pros que se vão
 A cada 23 minutos ascenderei uma nova vela
 O irmão que entrou pra estatística
 Onde os brancos fazem a soma
 Quem tem minhas características nem chega
 A entrar em coma
 É perseguido no mercado
 Seu Racismo começa ao falar
 Que a minha cor é do pecado
 Seria cômico se não fosse trágico
 Exigir o mínimo
 E morrer sem o básico
 (IGOR BRAZ, 2022)

VIDA LOKA É QUEM DÁ AULA

Crescer com dois professores dentro de casa faz a gente vivenciar um lado que nossos colegas de turma nem podem imaginar e então concluímos algo que, por incrível que pareça ou possa soar estranho nesse contexto, mas pra muitos é, de verdade, uma tremenda surpresa: Professor também é gente! Como dizia minha mãe: “Professor também faz coco!”

Meus pais nunca foram meus professores na escola, mas seus amigos que frequentavam nossa casa, todos eram. Eu achava legal crescer com professores na sala de visita. Hoje, penso no quanto daquelas conversas carrego comigo.

Desde nova já sabia que por muitas vezes, além de não ser um espaço acolhedor para os alunos, a escola pode também não ser tão confortável aos professores. Mais uma vez a palavra “resistência” vem tomar conta do assunto.

Quando eu tinha uns dez anos de idade, minha mãe (professora de literatura) contou da época em que dava aula em uma escola da cidade que por um tempo, se fez palco de uma série de brigas de gangues. Seus olhos se enchiam de água ao mencionar o aperto de se esconder no banheiro da escola enquanto ouvia barulhos de tiros e jovens apavorados. Porque estou contando isso? Pois isso me lembra tudo que buscamos combater com o movimento Hip-Hop.

As batalhas de rima surgiram nos guetos estadunidenses com objetivo, entre outros tantos, de cessar a violência de gangues. A lógica era praticamente resolver na rima em vez da violência. Costumo contar essa história nas escolas:

- Laura: Alguém sabe como surgiram as batalhas de rima?

- Turma: Como?

- Laura: Nos Estados Unidos a galera estava entrando em uma de brigar entre os bairros. Como é seu nome?

- Arthur

- Laura: E seu nome?

- Luisa

- Laura: Se a gangue do Arthur não gostasse da gangue da Luisa o que acontecia?

- Turma: Morte!

- Laura: Isso! Então muita gente começou a morrer nesses conflitos. Até que em um dia mataram um cara que era querido por todas as gangues e com isso geral ficou muito triste. Começaram então a pensar: como vamos resolver isso sem violência?

- Laura: Quem sabe o que acontece agora?

- Arthur: Eles começam a rimar um contra o outro?

- Laura: Isso. Ao invés de resolver na violência, os grupos agendavam batalhas de rima e assim começaram a se enfrentar através da arte.

- Turma: Por isso os Mcs ficam xingando um ao outro nas batalhas?

- Laura: De primeiro, as batalhas não eram exatamente pensadas na hora, os Mcs iam pra casa escrever as rimas pra usar nas rodas. Mais ou menos como a gente faz no Slam, só que a escrita era direcionada a um adversário.

- Laura: É importante lembrar que o Hip Hop preza por respeito, então qualquer rima que desrespeite o adversário não faz honra ao movimento, apesar de ser comum.

- Laura: Vocês sabiam que por muito tempo as meninas não podiam batalhar com os meninos?

- Turma: Ah, kolé, fessora.

- Laura: É verdade! Era igual com futebol. Aqui as meninas jogam bola?

- Turma: Jogam!

- Luisa: A gente joga até melhor que os meninos. Tem nem como.

Essa história ouvi da boca de uma amiga MC, quando fomos juntas a uma escola. O evento era manhã do Hip-Hop e esse caso me marcou, pois me fez pensar na hora: Será que minha mãe precisaria ter se escondido no banheiro se o Hip-Hop tivesse entrado naquela escola antes das brigas de gangue? Não dá pra saber, mas hoje em dia a gente tem como agir.

É certo que nem todos os professores que lecionam nas escolas que visitamos gostam ou apoiam, o projeto, mas sem eles, principalmente sem os que apoiam com certeza eu não estaria aqui com todas essas histórias pra contar. Tendo em vista que o magistério é uma profissão tão importante, fundamental e base de outras, é difícil compreender o motivo de tamanha desvalorização.

VIDA LOKA É QUEM DA AULA

Um salve a todas e todos os Professores que
traficam conhecimento e que distribuem
pílulas de sabedoria para nossas crianças,
jovens e adultos, que muito loucas com
diplomas,
entorpecem até a família.

Tamo junto.

Sergio Vaz

(Poesia de Sérgio Vaz, Instagram do autor 2023)

Fundamentais para existência do projeto “Poesia na escola”, os professores e professoras são os responsáveis por fazerem a ponte entre nosso trabalho e os alunos. São eles que identificam as questões sociais que envolvem o contexto escolar e direcionam as apresentações, slams e oficinas. Em alguns casos, fazem também poesia.

Acreditando ser potente ampliar a voz de quem leciona, conversei com alguns professores que trabalham com turmas que já visitamos para entender também sobre esse ponto de vista quais os reflexos do slam no cotidiano da escola.

“

“

É importante que os jovens percebam de que forma suas experiências são importantes para a sua formação, as memórias pessoais e visão de mundo são saberes tão essenciais quanto a educação formal da escola.

A poesia na escola resgata uma tradição africana que valoriza a oralidade e retrata questões do cotidiano como” racismo, machismo, homofobia, violência.

Além de seu caráter eminentemente social, que fomenta a reflexão e a consciência política. (Andreia Rapozo, Professora de História da rede estadual de Minas Gerais, entrevista concedida à Laura Conceição, 2023)

“

Os poetas formadores do projeto frequentam as duas escolas em que eu leciono em Juiz de fora. Sempre é um evento incrível. A escola fica inundada de poesia e os alunos se envolvem muito antecedendo o slam porque esse processo mesmo da construção da poesia autoral de conhecimento de questões sociais toma um tempo. Todo o preparo pedagógico que envolve o projeto faz sempre ser uma alegria imensa recebe-los. É uma fonte de conhecimento inesgotável, fora a autoestima dos alunos que fica supervalorizada, eles se sentem mesmo muito protagonistas de todo o processo. A escola fica um bom tempo depois ainda vivendo aquilo e falando. Depois a gente revive em fotos e vídeos então é uma coisa maravilhosa. É muito potente essa parceria (Christiana Frank Professora de Literatura da Rede Municipal de Juiz de Fora - MG, entrevista concedida à Laura Conceição, 2023)



A atividade desenvolvida pelo projeto ‘Poesia na Escola’ foi um momento muito importante para nós. A escola se situa em uma cidade pequena (Goianá) próxima a Juiz de Fora. Essa cidade tem um pensamento um pouco mais conservador, um pouco mais fechado pra algumas questões políticas e socioculturais. O projeto desenvolvido foi engrandecedor para os meninos. A linguagem utilizada é uma linguagem da juventude que desperta o interesse dos alunos tem então uma pegada pedagógica muito importante, muito valiosa no uso dessa linguagem que é a linguagem do Slam e o resultado foi muito positivo para os alunos e alunas do ensino médio que ficaram muito interessados e também cativados pela poesia. Depois do trabalho desenvolvido eles perguntam sempre sobre um possível retorno dos poetas.

Os alunos se sentiram muito valorizados e importantes depois da visita, depois de os artistas estarem indo ao encontro deles. Isso foi relevante também para auto estima desses meninos e meninas e pra eles pensarem questões relevantes como Racismo, questões de gênero e etc que são importantes na elaboração do pensamento sociológico. Um método até Freiriano onde você alinha através do diálogo que a poesia trás essas vivências e elas vão se encaixando nos conceitos, problematizando então as desigualdades que existem na nossa sociedade.

O saldo, tanto pedagógico quanto afetivo também na vida da escola, foi incrível. Laura e PretoVivo plantaram uma semente e estamos colhendo os frutos a cada dia na convivência escolar.

(Rafael Reis, Professor de sociologia em uma escola do município de Goianá, entrevista concedida à Laura Conceição, 2023)

VIDA LOKA É QUEM FAZ POESIA NA ESCOLA

Essa pesquisa começa muito antes dessa escrita e está longe do fim. Escrever sobre vivências é desafiador ao ponto de escolher o recorte a ser registrado quando o todo é vivido diariamente. Por todo tempo desse encontro estive com uma palavra na cabeça. Uma palavra que me incentivou a estudar minhas vivências, proferida diante dos meus olhos quando eu era mais jovem em um encontro poético por uma de minhas maiores referências de escrita: Conceição Evaristo.

ESCREVIVÊNCIA

Criado pela professora e escritora Conceição Evaristo, o termo “Escrevivência” traz a junção das palavras “escrever e vivência”. Para Conceição, pensar a escrevivência no meio acadêmico é também resgatar referências negras no campo do conhecimento. A escrevivência é ferramenta potente para “desviar a flecha” da violência do racismo, do sexismo e outras linhas de opressão presentes dentro e fora da academia. Em 2022, a professora disse, em uma entrevista para Universidade de São Paulo que “A escrevivência não é a escrita de si, porque esta se esgota no primeiro sujeito. Ela carrega a vivência da coletividade” (Evaristo, 2022)

Com Conceição Evaristo aprendi que a coletividade é fundamental nesse processo de escrever as vivências e, por isso, esse trabalho envolve muitas pessoas. Ampliar vozes, nossas vozes, se torna necessário nesse ambiente. Pensando nisso, me veio a vontade de trazer algumas vozes que fazem parte desse processo de educação e arte. Os Poetas formadores são arte educadores que entram nas escolas com suas vivências na ponta do lápis e na ponta da língua. Rimas e flows. Vontade de contar histórias.

“

Me lembro do dia que a gente convidou, pela primeira vez, os poetas para irem na escola. De primeiro Ícaro e Laura. Estávamos trabalhando poesia com os alunos e alunas do ensino fundamental para incentiva-los em relação a esse gênero textual. Esse trabalho que passou a visitar a escola desde então fez com que os meninos despertassem o interesse pela leitura e literatura de modo geral. Vários desses alunos que não estavam alfabetizados se alfabetizaram, se tornaram poetas que, depois participaram de batalhas e clubes de leituras, escreveram zines.

O Poder transformador da poesia na escola é gritante. Esse trabalho que a juventude faz com a poesia Slam, com o RAP, com a poesia marginal nas ruas indo para as escolas remete a um trabalho de formação humana, de formação social, formação pra vida e cidadã. A empatia, o respeito, a identificação dos alunos com os poetas é tão grande que isso transforma pequenos versos e fragmentos de textos em grandes obras, porque não é só o texto em si que estamos pensando quando levamos poesia pra escola, é toda uma cultura, uma forma de ver a vida que os poetas levam para as escolas.” (Debora Renault Professora de História e uma das idealizadoras do Projeto Poesia na Escola, entrevista concedida à Laura Conceição, 2023)

“

Eu acho que nesses anos todos de “Poesia na escola” o que fica é a gratidão de estar fazendo um trabalho de base importantíssimo. A gente não recebe fazendo isso, é por amor mesmo, então cada vez que um aluno pesquisa meu trabalho, se interessa em saber o que é o Slam, né, um espaço de fala muito importante para você se expressar, os professores também buscam, sabe mais e aplicam ali para o aluno... Esse é o nosso pagamento. A gente sabe que é importante. A gente tá fazendo porque sabe que faz bem. Vários corres loucos porque a vida de artista independente não para, então é isso. (Igor Braz Poeta Formador, entrevista concedida à Laura Conceição, 2023)

“ Em toda cidade que a gente vai tem surgido convites pra ir nas escolas. Estamos nos tornando referência nisso. É um trabalho de base levar a poesia marginal pra dentro da sala de aula que é o lugar que ela deve estar também. Quando a gente era mais novo, a gente custou a entender que o que a gente ouvia e fazia também era poesia.

Eu entendo que a poesia dentro do ambiente escolar abre diversas possibilidades pro aluno, abre um leque de oportunidade dentro da própria escola e os alunos passam a enxergar esse espaço de outra forma, até mesmo as obrigações e deveres. Acredito que a poesia abre caminhos para as pessoas trabalharem com arte e expandir o pensamento para que elas entendam que podem trabalhar com o que tiverem vontade.

Uma semente que a gente planta lá atrás vai ser colhida lá na frente da vida dos alunos com redução do uso de drogas, da taxa de criminalidade, da violência. A gente ajuda a formar o pensamento crítico dessas crianças e adolescentes. A gente ajuda novos artistas a se descobrirem como tal. (PretoVivo Poeta Formador e estudante de sociologia da UFJF, entrevista concedida à Laura Conceição, 2023)

“ Ir até as escolas falar sobre Slam, sobre Hip Hop e poesia é fundamental. É a forma que a gente se comunica fora da norma padrão, é a forma como a gente se comunica na vida real, na verdade. A gente poder estar em um espaço de educação que esteja aberto para isso, poder chegar em jovens que às vezes nunca tinham olhado pra esse lado dessa forma e poder fazer realmente diferença, é o que importa. No final do dia, o que importa é a educação, é o que a gente faz com a nossa voz, né (Sophia Bisco, Poeta, estudante de Jornalismo da UFJF e Poeta Formadora, entrevista concedida à Laura Conceição, 2023)

A palavra quando usada para contar a história de alguém, inspira e contagia. Se ver dentro da história do outro, da vivência do outro constrói pontes de fortalecimento. Lutamos por uma escola onde podemos contar nossas histórias.

Eu vi o livro
Salvar a vida do Menino
Que brigava com o destino
E protegia os animais
Eu vi o livro
Salvar a vida da Menina
Que Lutava por Justiça
E Mais direitos sociais

Eu vou estar
No shopping Center
Livraria e tudo mais
Eu vou estar
No shopping Center
Livraria e tudo mais
Vou estar
No sebo, casa de quebrada
E tudo mais
Vou estar
No sebo, casa de quebrada
E tudo mais



LAURA CONCEIÇÃO EM ESCOLA DE JUIZ DE FORA



ÍCARO RENAULT EM ESCOLA DE JUIZ DE FORA

A ESTHER TÁ NO TELHADO!

- Turma: Tia, OLHA! OLHA!
- Turma: A Esther tá no telhado!
- Turma: Desce dai Esther, você vai cair!
- Eu: Esther vem pra oficina, que que cê tá fazendo aí? Vem pra cá!
- Esther: Tia, eu tô de castigo. Não posso sair de casa, mas não quero perder a oficina, aí vou assistir do telhado, tá? Se meu pai souber que eu sai de casa, ele vai brigar muito comigo, mas o telhado ainda é casa, né?
- Turma: Tia a gente pode fazer um aviãozinho de papel com a folha da poesia e mandar pra Esther acompanhar?
- Eu: Pode! Será que vai dar certo?
- Eu: Cuidado pra não cair daí, hein Esther!

Deu certo! A Esther assistiu a oficina do telhado.



**Slam é casa.
É família.
É encontro.
É potência.
É amizade.
É apoio.
É revolução.
É Resistência
É literatura.
É música.
É nossa vida.
É verdade.
É comunidade.
É galera.
É sonho.
É realidade.
É Caminho.
É a ponte.
É o trecho.
É aprendizado.
É ensinamento.
É Hip-Hop.
É Conhecimento.
É evolução.
É educação.
É Discernimento.
É Base.
É Cultura.
É Semente.
É raiz
É vivência.
É abraço.
É nossa gente feliz.
É cura.
É força.
É luta.
É voz.
Slam é Nós.**

REFERÊNCIAS ARTÍSTICAS E BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Polém, 2019.

ARTICULAÇÃO DE ORGANIZAÇÕES DE MULHERES NEGRAS BRASILEIRAS/AMNB. *Construindo a equidade: estratégia para implementação de políticas públicas para a superação das desigualdades de gênero e raça para as mulheres negras*. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.amnb.org.br>. Acesso em: set. 2011.

BUTLER, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (R. Aguiar, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Original publicado em 1990).

COELHO, Rogerio Meira. **A palavrão: atos político-performáticos no Coletivo Sarau de Periferia e Poetry Slam Clube da Luta**. 2017. 141 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

CRIOLO. BREÁCO. Youtube, 2016 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wcC1-JOt_28

D'ALVA, Roberta. Estrela. Um microfone na mão e uma idéia na cabeça – o poetry slam entra em cena. **Synergies Brésil**. n. 9, p. 119-126, 2011.

DAVIS, A. (2016b). *Mulheres, raça e classe*, trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo.

ELISA LUCINCA. EMICIDA. Milionário do sonho. YouTube, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QltUrxFBJB0>

EMICIDA. Boa esperança. Youtube, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AauVal4ODbE>

EMICIDA. Príncipia. Youtube, 2019 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kjggvv0xM8Q>

FERRARI, Anderson. Experiência homossexual no contexto escolar. *Educar em revista*, Curitiba, Edição especial n1. P 101-116, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/pWr95VfbVfF5rPfDHSxfqHB/?lang=pt>

FREIRE, Paulo, NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer: teoria e prática em educação popular**. Rio de Janeiro: Vozes, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREITAS, Daniela Silva. Slam Resistência: poesia, cidadania e insurgência. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 59, p. 1-15, 2020

FREITAS, Emília Patrícia, AGUIAR, Maria da Conceição. A Formação Do Arte/Educador: o papel da coordenação pedagógica nas organizações não formais. **Revista de Administração Educacional**. Recife, v. 1, n.1, p. 85-100, Jan/jun 2015.

GOMES, Nilma Lino. O movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GONZALÉZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HERMÍNIO, Beatriz. A escrevivência carrega a escrita da coletividade, afirma Conceição Evaristo. Institutos de estudos avançados da Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/noticias/a-escrevivencia-carrega-a-escrita-da-coletividade-afirma-conceicao-evaristo#:~:text=Criado%20por%20Concei%C3%A7%C3%A3o%20Evaristo%2C%20o,explicitou%20a%20escritora%20e%20educadora>. Publicado em 03/10/2022. Acesso em: 25/08/ 2023

JOÃO PAIVA: Devagar Escola. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YrJ-QJtrKT4>

JOÃO PAIVA: Rua Agave. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vA7zQazeBtI>

LARROSA, Jorge. Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas. 6.ed.rev.amp; 1.reimp – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LAURA CONCEIÇÃO. Tempos Efêmeros. Youtube, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gmHPLU9ZPYE>

LITERA-RUA, Pow. Pedagogia das Ruas- Embu das Artes, SP: EMBUscadasARtes e sarau do Binho,2020.

LITERATURA EM MOVIMENTO. Escrevendo o futuro. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/blog/literatura-em-movimento/slam-das-minas/>
Acesso em: 10 de abril de 2022

LOURO, Guacira L. A emergência do gênero. In: _____. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. P. 14-36.

MELLO, Luiz; GONÇALVES, Eliane. *Diferenças e interseccionalidades: notas para pensar práticas em saúde*. **Revista do programa de pós-graduação em ciências da UFRN**, n.2, 2010

MINCHILLO, Carlos, Cortez . Slam: cartografia social e território poético, 2016.

NEGA PRETO: Bissexual é Obvio. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/nego-preto-np/bissexual-obvio/>

NEVES, Cynthia Agra de Brito. Slams - letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. **Linha D'Água**, [S. l.], v. 30, n. 2, p. 92-112, 2017.

PISCITELLI, Adriana. Re-criando a (categoria) mulher? Mimeo.

POEMAS DE MEL DUARTE. Revista Philos. Disponível em: <https://revistaphilos.com/2020/11/03/neolatina-5-poemas-de-mel-duarte/> Acesso em: 3 de maio de 2022

PRETOVIVO: Sala de Aula. Disponível em: @opretovivo

RAEL. O Hip Hop é Foda. Youtube, 2014. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=e5lBmlJLsw4>

RAP TAMBÉM É COMPROMISSO COM A EDUCAÇÃO. Fundação telefônica Vivo. Disponível em: <https://fundacaotelefonicavivo.org.br/noticias/rap-tambem-e-compromisso-com-a-educacao/> Acesso em: 10 de junho de 2022

SÃO PAULO: Spotify Brasil. Mano a Mano Podcast. Disponível em:

<https://open.spotify.com/episode/5XeLAOeQrhs7sDiC0an4QM> . Acesso em 1 de julho de 2023

SCOTT, J. *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica* (G. L. Louro, Trad.). Educação & Realidade, 20(2), 71-99. (Original publicado em 1988). 1995.

SILVA, Caio Ruando. **SLAM POETRY: Poesia performática, política e educação**. 2020.106f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, Vitória, 2020.

SILVA, Elizabeth Marciano; GARRIDO, Elsa; STORI, Norberto; SANCHEZ, Petra. **A escola e a cultura do jovem de periferia**. Universidade Presbiteriana Mackenzie, UPM, São Paulo, 2005

VITTO POETA. Rimas de Ayo. Disponível em:

<https://open.spotify.com/album/6ofR0Bhv2xndDKwaBbOzoD>

